

ANA MARIA MARQUES

COTIDIANO E RELIGIAO:

A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA RELIGIOSA EM NOVA TRENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

1995

ANA MARIA MARQUES

COTIDIANO E RELIGIAO:

A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA RELIGIOSA EM NOVA TRENTO

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção de Grau de Mestre em História, à Comissão Julgadora da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Professora Dra. Maria Bernardete Ramos Flores.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

1995

Dissertação aprovada como requisito
parcial à obtenção de título de Mestre
em História pela banca examinadora for-
mada pelos professores:

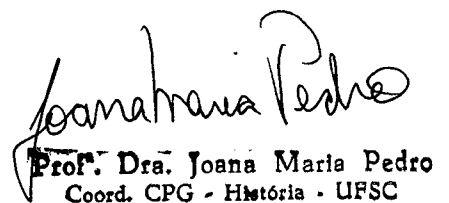


Prof^a-Dra. Maria Bernardete Ramos Flores (Orientadora)

Prof^a-Dra. Maria Antonieta Antonacci (PUC/SP)



Prof. Dr. Elío Cantalício Serpa



Prof. Dra. Joana Maria Pedro
Coord. CPG - História - UFSC

a Jonas

SUMARIO

RESUMO	VI
ABSTRACT.....	VII
AGRADECIMENTOS	VIII
INTRODUÇÃO	01
IRMAZINHAS E ROBERTINOS: AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS	20
COLONOS E JESUITAS: TRADIÇÃO E ROMANIZAÇÃO	47
A SACRALIZAÇÃO DO COTIDIANO: FAMILIA, ASSOCIAÇÕES, PRODUÇÃO DA EXISTENCIA E FESTAS	71
ESCOLA: UM ESPAÇO RELIGIOSO E POLITICO	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
FONTES E BIBLIOGRAFIA	116

RESUMO

MARQUES, Ana Maria. *Cotidiano e religião: a construção de uma cultura religiosa em Nova Trento*. Florianópolis: UFSC. 1995. Dissertação de Mestrado em História. 115 fls. 13/03/1995.

Orientadora: Maria Bernardete Ramos Flores

O objetivo central é abordar a construção de uma [cultura religiosa] em Nova Trento, no período que vai desde a colonização (1875) à década de 1930. A Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição e dos Irmãos do Santíssimo Coração de Jesus são retratos estudados nas relações sociais de interesses, crenças e poderes. Os jesuítas representam a [Igreja romanizadora] em conflito com uma tradição popular. O [cotidiano] sacralizado é representado nas relações de convivência. A escola é espaço de formação religiosa.

ABSTRACT

MARQUES, Ana Maria. *Quotidian and religion: the development of a religious culture in Nova Trento*. Florianópolis: UFSC, 1995. M. A. thesis in History.

Professor: Maria Bernardete Ramos Flores

The central purpose of this study is to investigate the development of a religious culture in Nova Trento in a period comprehended between the colonization (1875) and the 1930's. The "Irmazinhas da Imaculada Conceição Sisterhood" and the Order named "Irmãos do Santíssimo Coração de Jesus" are studied in the social relations of interests beliefs and power Jesuits represent the Roman Christian Church in conflict with the popular tradition. Sacred and religious aspects are present in the relationships and school is a space of religious education.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

- à minha orientadora e diva, Maria Bernardete Ramos Flores, pela paciência, segurança, dedicação e credibilidade em mim depositada desde o início;
- aos professores que contribuíram com incentivos, críticas, sugestões, empréstimos de livros e indicação de fontes, especialmente, Elio Cantalício Serpa e Joana Maria Pedro;
- aos colegas de minha turma no curso que foram companheiros de alegrias e angústias: Paulete, Peninha, Davi, Roseli, Sérgio, Katiane, Giba e Luz. E aos que não eram da minha turma mas também foram companheiros;
- à Universidade Federal de Santa Catarina, que através da CAPES, tornou possível a realização deste trabalho;
- às pessoas que me concederam entrevista e se tornaram co-autoras: Padre Ivo Dalsenter, Irmã Gaudência Motter, Josefina e Henriqueta Sartori, Dona Maricota e Dona Adélia;
- às pessoas que me atenderam nos arquivos, especialmente à Denair Aparecida Scalvim na Paróquia de São Virgílio, em Nova Trento;
- a todos que indicaram documentos, livros(quando não emprestaram) e contatos necessários;
- a todos que não estavam envolvidos com meu trabalho, mas comigo se preocuparam e me respeitaram;
- às amigas afetuosas: Cuti, Cleoni e Janete;

- aos meus pais;
- ao Jonas, pelo apoio, pela força nos momentos difíceis, pelas poucas palavras na hora certa, pelo companheirismo;
- enfim, a todos, vivos e mortos, que tornaram esta história possível de ser escrita.

CONVIVIO

Cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de
que eles não vivem senão em nós
e por isso vivem tão pouco; tão intervalado; tão
débil.

Fora de nós é que talvez deixaram de viver, para
o que se chama tempo.
E já não enfrentamos a morte, de sempre trazê-la
conosco.

Mas, como estão longe, ao mesmo tempo que nossos
atuais habitantes e nossos
hóspedes e nossos tecidos e a circulação nossa!
A mais tênue forma exterior nos atinge.

O próximo existe. O pássaro existe.

E eles também existem, mas que oblíquos! e mesmo
sorrindo, que disfarçados...

Há que renunciar a toda procura.

Não os encontraríamos, ao encontrá-los.

Ter e não ter em nós um vaso sagrado,
um depósito, uma presença contínua,
esta é nossa condição, enquanto,
sem condição, transitamos
e julgamos amar
e calamo-nos.

Ou talvez existamos somente neles, que são omissos,
e nossa existência,
apenas uma forma impura de silêncio, que preferiram.

INTRODUÇÃO

Em Nova Trento quando uma criança nasce, faz-se a polenta e joga-se na parede. Se grudar vai ser pedreiro, se não, vai ser padre.

(ditado popular)

Existem variações deste ditado: joga-se a criança na parede ao invés da polenta, ou coloca-se a criança no caldeirão da polenta e depois joga-se ela contra a parede. Para não cair numa espécie de "humor negro", preferi escolher a versão que fala em lançar a polenta e não a criança, embora a questão analisada não se trata de discutir qual a melhor versão deste ditado popular. No entanto, o que ele quer comunicar, ser pedreiro ou padre, expressa uma perspectiva cultural, a qual é o tema desta dissertação.

Nova Trento foi considerada "celeiro de vocações" e é, ainda hoje, reconhecida pelo grande número de pedreiros. O número de mulheres e homens ingressos nas ordens religiosas e seculares, bem como o fato de cerca de 18% da população ativa trabalhar na construção civil¹, são dados representativos da validade comunicativa daquele ditado popular.

Dentre as tantas famílias que tiveram padres e/ou freiras, Padre Ivo Vicente Dalsenter² é um exemplo. Na família dele, os pais tiveram doze filhos, sendo que um faleceu aos seis meses, três optaram pela ordenação religiosa. Ele fala de uma "tradição italiana" que consistia num sentimento de orgulho para as famílias que tivessem filhos "vocacionados" para a vida religiosa, ao mesmo

1 *Jornal Diário Catarinense*, 21/08/1988.

2 Padre Ivo é jesuíta. Tem 70 anos de idade. Concedeu-me entrevista aos 09/06/1992.

tempo que havia um incentivo e um encorajamento dos padres para que os jovens se tornassem padres ou freiras. Diz: "*Eles entravam nas famílias e diziam: por que esse não pode ir pro seminário? Já indicando!*". Para muitas pessoas do lugar, ainda hoje, o fato de terem filhos ordenados padres é um motivo de orgulho. O historiador Jonas Cadorin, meu marido, também neotrentino, embora com 31 anos de idade, diz que em tempos idos, eram raras as famílias que não tinham um filho padre ou uma filha freira. Conta que quando os padres vinham visitar as famílias, era comum rezar missa na casa. Então, de vez em quando, tinha missa na casa da família do padre. Fazia-se referência ao sobrenome dele ligando ao nome da mãe ou do pai. Era uma forma de dar publicidade a uma distinção cultural, que enaltecia e orgulhava os que nela se identificavam.

Do ditado popular referi-me aos padres. E aos pedreiros? Quando se trata dos pedreiros de Nova Trento, fala-se da dedicação e capricho no ofício. Justifica-se pela tradição herdada de pai para filho desde a Itália. Foram eles os edificadores das tantas igrejas, capelas, oratórios e santuários espalhados pela cidade. O trabalho da construção civil especializou-se na construção de edifícios de função religiosa. Nova Trento é pontilhada por estas edificações religiosas. E isto contribui significativamente na elaboração de questões que permeiam esta pesquisa, pois o fato cultural que criou uma experiência e um saber de ofício, está intimamente ligado àquela outra face: a intensa religiosidade.

Em 1989, quando eu estava no último ano do curso de graduação com Jonas, tivemos uma conversa com o Padre Benno Brod, jesuíta então residente na paróquia de Nova Trento. Algumas idéias que po-

voavam nossas cabeças foram incitadas naquele momento. Padre Benno nos passou um mapeamento dos chamados monumentos religiosos com legenda e nomenclatura, conforme está anexo na página seguinte. E daí desencadeou uma série de questões: por que tantos monumentos? O que cada um representava no todo? Enfim, a tentativa de responder estas e outras questões, resultou no projeto *Toda imagem é boa para induzir a virtude*. O projeto teve apenas um semestre de execução e as perguntas continuaram "martelando" minha cabeça.

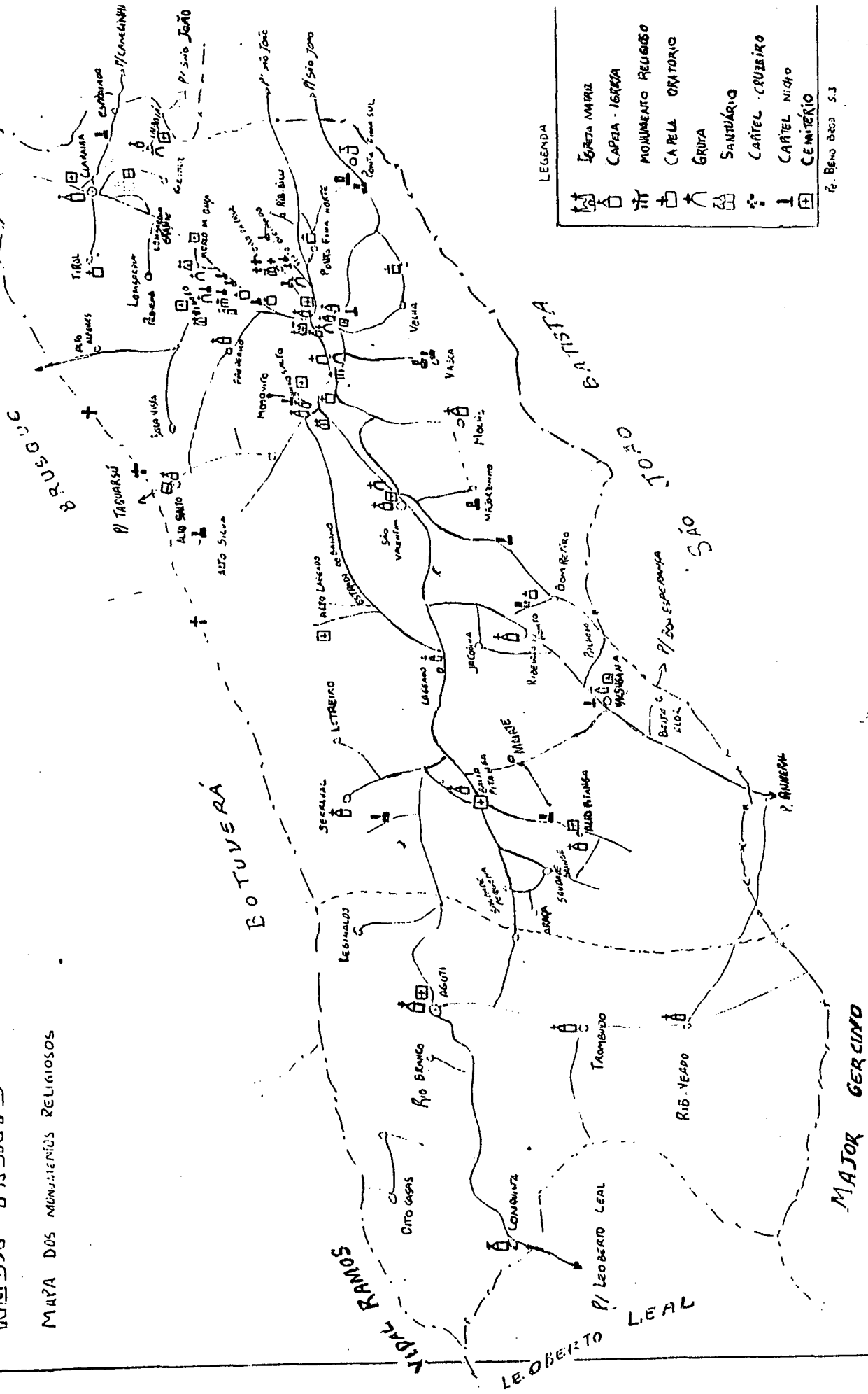
Daquela época para cá, fui elaborando outras questões, embora não fugissem às primeiras, bem como os encaminhamentos metodológicos para algumas respostas. Com a ajuda paciente e orientação da Professora Maria Bernardete Ramos Flores, fui definindo meu tema de pesquisa. Incitava-me a idéia de discutir numa abordagem cultural como se construiu esta religiosidade em Nova Trento. Quais as relações que este processo poderia ter com a questão étnica italo-brasileira. Ou seja, como se constituíram estes italo-brasileiros nas práticas e representações religiosas. Roger Chartier chama a atenção para a necessidade de pensar a história cultural enquanto "trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço³.

Estas práticas e representações se sustentam e sustentam um sistema de imaginário. Ao abordar o imaginário como elo de sustentação cultural estou pensando na perspectiva de Bronislawo Baczko.

3 CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 27.

NOVA TRENTO

MAPA DOS MUNICÍPIOS RELIGIOSOS



Para ele o imaginário trata da "produção de representações da ordem social, dos atores sociais e das relações recíprocas(...), das instituições sociais, em particular que dizem respeito ao exercício do poder" e da "participação da atividade imaginativa individual num fenômeno coletivo"⁴.

O interesse em estudar a cultura ítalo-brasileira em Nova Trento deve-se também a uma motivação pessoal com ligações afetivas: casei-me com um ítalo-brasileiro, através dele conheci a cidade e juntos decidimos morar nela.

Nova Trento é uma típica cidade de interior, embora há apenas 80 quilômetros de distância da capital catarinense. O centro tem como marco principal a igreja matriz, construída na década de 1940, a partir da qual se estende, a praça com o coreto, o salão paroquial, bancos, casas de comércios, escritórios, prefeitura, hospital, colégio, fábricas, correio, residências, terrenos e prédios de Irmãs e padres. A maior concentração de população está no centro, fora daí e dos bairros periféricos, o espaço é basicamente para a agricultura e as casas são distantes umas das outras. Ao todo, atualmente, são cerca de onze mil habitantes. Dentre eles 85% são ítalo-brasileiros e os 15% restantes são de origem eslava (7%), teuta(6%) e lusa(2%)⁵.

Este retrato atual de Nova Trento se configurou a partir da década de 1940. A antiga matriz foi demolida. Tinha como padroeiro o Sagrado Coração de Jesus, enquanto a atual é dedicada a São

4 BACZKO, B. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi. Imprensa Oficial - Casa da Moeda. Lisboa, 1985. p. 309.

5 BOSO, Ivete Marli. *Entre passado e futuro: bilinguismo em uma comunidade trentino-brasileira*. Florianópolis: UFSC, 1991. Dissertação de Mestrado. p. 23.

Virgílio, o padroeiro também de Trento, de onde vieram os imigrantes italianos. A arquitetura pode ter mudado. Todavia, o espaço da cidade, desde sua constituição enquanto tal, teve como representação maior do sagrado, a igreja. Assim também, aconteceu nas várias localidades do município (como pode ser observado no mapa anteriormente citado).

A partir da configuração do espaço em torno da igreja matriz, já se pode perceber a importância que a Igreja Católica assume e assumiu na história desta cidade. Embora a arquitetura permaneça ligada a esta história religiosa, a utilização desses espaços não conserva, muitas vezes, os fins da época de sua construção. O salão paroquial, por exemplo, hoje serve de restaurante, jardim de infância e a parte superior, onde servia para espetáculos e cinema, é eventualmente utilizada para reuniões, palestras, etc. O prédio onde era um seminário jesuíta, foi vendido para a Prefeitura, lá funcionam confecções, um órgão público e serve de moradia para algumas pessoas. A casa das Irmãs, onde era noviciado, hoje é casa de encontros religiosos. O coreto servia às apresentações da Banda Musical Padre Sabbatini, criada em 1890 para "*organização e esplendor do culto religioso, o progresso do país e a jovialidade popular nas festas religiosas e nacionais de legítima instituição*"⁶. Atualmente as apresentações não são frequentes. Na última Festa de São Virgílio, o padroeiro, em setembro do ano passado, a banda foi substituída por um som mecânico.

Embora a relação com o espaço se tenha modificado, as coisas

6 Apud MOUTINHO, Irene. *Centenário* (jornal comemorativo dos cem anos da Banda Musical Padre Sabbatini). Nova Trento, out/1989. p.12.

permanecem lá, cheias de histórias para serem contadas. Comecei a observar que a marca da religiosidade estava não só nos sinais arquitetônicos, mas estava presente também na expressão verbal, na linguagem dos moradores da cidade. Como diz Maurice Halbwachs: "*Os habitantes assemelham-se ao quarteirão ou à casa. Ora, há em cada época uma estreita relação entre os hábitos, o espírito de um grupo e o aspecto dos lugares onde ele vive. (...) É na cidade e na população de hoje que um observador observa bem os traços de outrora*"⁷.

Chamou-me a atenção as expressões diretamente ligadas a uma concepção religiosas das coisas. "*Sacramenta*", "*sacra-óstia*" e, às vezes, dependendo do tamanho da indignação soltam um "*sacro-diavolo*", embora, às vezes, o diavolo (diabo) saia como que mastigado ou pela metade, talvez uma forma inconsciente de corrigir o que moralmente não deveria ser dito. As blasfêmias aludindo ao sagrado não são comuns às mulheres. Existem expressões tipo: Maria, Madon-na, Cristo, Signore Dio, ou apenas Dio. Essas são mais comuns as mulheres. Podem expressar admiração, surpresa, ou mesmo, indignação. Mas diabo ou demônio são evocados eventualmente.

É possível que as blasfêmias remontem ao que Mikhail Bakhtin chama de realismo grotesco da Idade Média européia, quando, na linguagem familiar, usavam-se grosserias de caráter blasfematório dirigidas às divindades com tom cômico, como as parábolas sacras⁸.

7 HALBWACHS, M. *A memória Coletiva*. (1ª-edição em 1950). São Paulo: Vértice, 1990. p. 69.

8 BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da UnB, 1987. p. 11-15.

Ou ainda, as blasfêmias estejam ligadas ao que Laura de Mello e Souza trata como uma certa intimidade com a divindade própria das tradições medievais populares ao analisar a sociedade colonial brasileira nas manifestações antiinquisitoriais⁹.

Fui percebendo que esses elementos culturais, a configuração do espaço e as formas de expressão verbal, tinham historicidade e que foram elaboradas a partir de relações social e cotidianamente estabelecidas. Podiam remontar uma origem cultural, tanto quanto revelar algo peculiar. Tratando-se de uma cidade majoritariamente constituída de italo-brasileiros, foi preciso entendê-los dentro de sua cultura, não na sua "italianidade", como alguns preferem dizer, mas no seu modo de ser brasileiros.

Os estudos sobre Nova Trento, entretanto, não têm, de modo geral, priorizado uma temática específica. São abordagens "tradicionais" englobando vários aspectos da história local. Seguem uma estrutura cronológica. Privilegiam lideranças. Têm um certo tom de homenagem aos "pioneiros" italianos. Tentam dar conta da economia, da política, da geografia, educação e religião, aspectos tratados em forma de esferas justapostas, como nos trabalhos de Henrique Carlos Boiteux¹⁰ e Walter Fernando Piazza¹¹. Deve-se destacar, no entanto, o trabalho do historiador-sociólogo, Renzo Maria Grosselli no sentido de desmistificar, em boa medida, o processo histórico envolvendo emigração e imigração italiana para Santa Catarina (não só Nova Trento). Sobre a questão da emigração diz ele:

9 SOUZA, L. de M. e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986. p. 100-136.

10 BOITEUX, H.C. *Nova Trento*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graffica, 1929.

11 PIAZZA, W.F. *Nova Trento*. Florianópolis, 1950.

"Alguns sociólogos viram neste comportamento da classe camponesa uma espécie de 'suicídio social' de quem teme a mudança, e a tese é verdadeiramente sugestiva. Nós pensamos, antes, que a grande emigração camponesa européia dos últimos decênios do século passado e dos primeiros deste seja o equivalente a uma revolução. Os camponeses europeus emigraram porque a sociedade em que viviam tinha assumido ou estava assumindo características tais que não mais permitiam a sobrevivência de formas de vida e de valores que tinham sido deles durante séculos"¹².

Grosselli vê os emigrantes como sujeitos que aproveitam oportunidades ou fazem-as acontecer. Ele procura dar visibilidade ao que chama de classe camponesa e as relações socialmente estabelecidas antes e depois da emigração.

Ainda sobre Nova Trento, destaca-se a dissertação de mestrado em lingüística de Ivete Marli Boso¹³. Ela aborda o bilinguismo (mistura do dialeto trentino com o português) enquanto elemento cultural. Trabalha como e por que o dialeto trentino foi sendo absorvido pela língua portuguesa. Embora não seja um trabalho classificado como de história, a temática abordada implica nas relações de poder, nos interesses para com a educação escolar e na

12 GROSSELLI, R. M. *Vencer ou Morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Tradutores: Ciro Mioranza e Solange Luques. Florianópolis: UFSC, 1987. p. 17.

13 BOSO, I. M. Op. cit.

construção histórica envolvendo linguagem e condutas.

Jonas Cadorin foi um dos últimos a escrever sobre Nova Trento. Talvez eu seja suspeita para criticá-lo, por conviver tão próximo e ter acompanhado a elaboração do seu livro. Seu trabalho foi encomendado pelo prefeito para escrever "toda" a história da cidade, envolvendo cem anos. Esta perspectiva não ofereceu tempo nem possibilidades metodológicas para o autor abordar uma temática específica. Entretanto, pesquisas e reflexões levantadas para a publicação de *Nova Trento, outra vez...*¹⁴ muito me ajudaram na presente dissertação.

De modo geral, a historiografia catarinense sobre italianos ou italo-brasileiros tem dado maior enfoque às questões de colonização¹⁵ ou imigração¹⁶. Abordam as causas a localização e as datas de fundação das colônias, números de imigrantes e condição dos colonos.

A bibliografia referenciada sobre italianos e italo-brasileiros em Santa Catarina ajudou-me a perceber onde estavam as carências e os excessos desta historiografia. Neste exercício de leitura e consulta, reconheci a tal "humildade científica" da qual fala Umberto Eco, concluindo que "*todos podem ensinar-nos alguma coisa*". Relata esta sua descoberta a partir do reconhecimento de que um "pobre" alfarrabista do século XIX, tinha-o mais a dizer sobre São Tomas de Aquino do que os "autores maiores" o haviam dito¹⁷.

14 CADORIN, J. *Nova Trento, outra vez...* Nova Trento: Prefeitura Municipal, 1992.

15 PIAZZA, W. F. *A colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1976.

16 DALL'ALBA, João L. *Imigração Italiana em Santa Catarina*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS; Florianópolis: Lunardelli, 1983.

17 ECO, U. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva S/A, 1989. p. 111-112.

A conclusão de Umberto Eco serve também para considerar as fontes de modo geral. Pois, às vezes, num longo depoimento tiramos uma simples fala ou frase e esta é como uma pérola na redação.

Assim procurei escrever. Os depoimentos das pessoas teve, em parte, seu brilho, assim como, em alguns momentos, a historiografia veio ao meu socorro. É certo porém que nem sempre as fontes nos dão respostas. As fontes não ficaram isentas da crítica, escolha, classificação e omissão. Tanto destas próprias quanto minhas com relação a estas.

Os documentos de arquivos que me serviram de fonte são quase todos produzidos por padres e freiras - pessoas diretamente ligadas à Igreja Católica: livro-tombo, crônicas de capelas, livros de avisos da paróquia, memoriais de visitas dos superiores jesuítas, atas de reunião de associações religiosas, cartas(indiretamente copiladas), relatórios. Basicamente, estas fontes constituem o arcabouço de minha pesquisa. Embora sejam resultado de uma visão institucional, os textos não foram tomados enquanto dados objetivos, mesmo que apareçam, em alguns momentos, enquanto narrativas históricas. Os textos, como coloca Roger Chartier, estão "*presos na rede contraditória das utilizações que os constituem historicamente*"¹⁸. O discurso produzido, então, tanto oral quanto escrito, pode se constituir enquanto representações e práticas. Vale lembrar o Menocchio, de Carlo Ginzburg(embora o autor trabalhe com perspectivas metodológicas diferentes de Chartier) que, no conflito entre Catolicismo e Reforma, jurava ter tirado as palavras de sua própria cabeça, enquanto os inquisidores tentavam decifrar seu

18 CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 61.

discurso identificando-o com as idéias reformistas¹⁹.

Ao fazer referência à documentação escrita, optei por atualizar a ortografia, uma vez que os documentos já sofreram certas alterações nas traduções e compilações dos originais. Para não cair no possível erro de não ser fiel "ipsis literis" em relação à ortografia do século passado e início deste, pensei ser melhor incorporar as citações à narrativa da dissertação, seguindo as regras ortográficas atuais. Todavia, preservei as palavras iniciadas com letra maiúsculas por entender que assumem uma importância ou acentuam determinadas referências no seu contexto histórico.

A utilização da história oral como fonte foi fundamental em alguns momentos desta dissertação. O depoimento aparece para dar vozes ao silêncio das fontes escritas, tanto quanto para ser propriamente a fonte. Por isso as entrevistas assumem importância ou não no contexto de cada capítulo. No terceiro, por exemplo, as entrevistas com mulheres são fundamentais para o entendimento das relações cotidianas envolvendo religião, festa, trabalho e família. São as mulheres que falam como os espaços públicos e privados da ação cultural religiosa são constituídos sem fronteiras. A história oral tem sido reconhecida como fonte essencial no tratamento da história local. No dizer de Raphael Samuel: "*As pessoas estão continuamente colocando para si mesmas questões relacionadas ao local onde moram e sobre como viveram seus antepassados*"²⁰. Embora

19 GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

20 SAMUEL, R. "História local e história oral". In: *Revista Brasileira de História*. 19. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, set/89-fev/90. p. 221.

as lembranças sejam imagens reconstruídas e seletivamente constituídas²¹, são retratos do cotidiano, da vida vivida todos os dias.

O cotidiano, por sua vez, é espaço de repetição e mudanças, relações de poder e conflitos - lugar de história. Nas palavras de Maria Odila Leite da Silva Dias, "*o cotidiano tem revelado na história social como área de improvisação de papéis informais, novos e de potencialidade de conflitos e confrontos, onde se multiplicam formas peculiares de resistência e de lutas*"²².

O palco desta história é Nova Trento. O que se constitui atualmente enquanto município, antes da colonização italiana eram terras eventualmente ocupadas. Alguns acampamentos indígenas, depois uma concessão de terra para implantação de uma empresa madeireira norte-americana que funcionou de 1835 a 1838, mas nenhuma ocupação efetiva. Em 1860, estas terras vieram a pertencer à Colônia Brusque, a qual logo passou a se denominar Colônia Itajaí. A partir de 1869, chamava-se Colônia Itajaí Príncipe Dom Pedro, pois, por decreto imperial, a Colônia anexou novas terras. As antigas terras pertencente aos índios, aos americanos e ao governo imperial, passou a ser distrito colonial denominado Nova Trento, a partir de 1875, quando chegaram os primeiros colonos italianos. Até 1880, a colônia continuou recebendo novos colonos. Em 1879, Nova Trento foi oficializada enquanto 4º-Distrito da Colônia Ita-

21 BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: TAQ/EDUSP, 1987. p. 24.

22 DIAS, M. O. L. da S. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 8.

jai Príncipe Dom Pedro e em 1892, emancipou-se e tornou-se município²³.

Está claro que a cultura religiosa construída no espaço cotidiano trazia uma forte ligação com as tradições italianas vindas com a imigração. Mas isto não explica tudo. Esta construção passou pelos processos de afirmação e negação, educação e transformação, próprios das dialéticas culturais. A tradição estava ali presente, mas houve também um investimento por parte da Igreja Católica Romanizada nas colônias italianas, bem como estratégias de sobrevivência, resistências e experiências dos sujeitos sociais.

Desde a instalação dos imigrantes italianos, as práticas religiosas eram frequentes em Nova Trento. Reuniam-se para orações, construía seus espaços de culto, tinham devoções e cultos baseados no catolicismo. Com a presença definitiva dos jesuítas, a partir de 1879, estas práticas passaram a ser controladas, orientadas e, em alguns casos, condenadas. Poderíamos inferir que houve uma "invenção de tradições", adaptando uma expressão de Eric Hobsbawm, utilizando elementos antigos na elaboração de novas tradições, de algo novo, não transplantado. Explica o autor:

*"Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado"*²⁴.

23 As informações sobre as formas de ocupação da terra foram obtidas em: BOITEUX, Henrique Carlos. Op. cit.

24 HOBBSBAWN, E. ; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9.

Pensando nesta perspectiva, observa-se como as antigas práticas religiosas foram sendo modificadas em Nova Trento. Não só modificadas, mas também alvo de estratégias de poder, de conflitos, de educação e de reeducação, de transformação. Por exemplo: os colonos tinham suas devoções a santos, então, a Igreja divulgou determinadas devoções de seu interesse e essas foram incorporadas ao imaginário religioso devocional dos colonos, como foi o caso da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Estou falando de uma Igreja nos padrões do catolicismo romanizado, ultramontano. Na definição de Sergio Miceli²⁵, o ultramontanismo vinha das reformas em curso na Europa do século XIX. A Igreja enfraquecida pelos ideais liberais da civilização moderna, buscava fortalecer-se através do culto à figura do papa e na formação de novas Ordens e Congregações. Augustin Wernet²⁶ acrescenta à concepção de ultramontanismo: a importância dada aos sacramentos, certos ritos e práticas devocionais.

No Brasil, especialmente a partir da implantação do regime republicano que oficializava a separação entre Igreja e Estado, foi preciso firmar alianças envolvendo interesses de grupos, Estado e instituição religiosa. Tudo para fazer valer o projeto católico romanizador, ultramontano.

25 MICELI, S. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S/A, 1988. p.11-12.

26 WERNET, A. *A Igreja Paulista no século XIX*. São Paulo: Atica, 1987. p. 187-189.

Este projeto sustentado no discurso da valorizaçã_o hierárquica do clero e no sacramentalismo, caracterizava-se também pelo uso de imagens. A manipulação do imaginário religioso tornou-se vital para legitimação de poder da Igreja. Como diz Bronislawo Baczko²⁷, o imaginário serve como referencial de controle de vida coletiva e de exercício da autoridade e do poder. É acrescenta que a representação do imaginário sustenta-se nos sistemas simbólicos construídos a partir das experiências dos indivíduos, seus desejos, aspirações e motivações. Desta forma, pode-se concluir que o imaginário, ao mesmo tempo que serve para legitimar o poder da Igreja, abre espaço para o conflito, a reelaboração, não a mera imposição e a conformação. É no conflito que aparecem interesses de grupos, instituições e pessoas individual ou coletivamente constituídas.

Ao analisar a construção desta cultura religiosa, muitas vezes utilizo a categoria comunidade. Sei que esta categoria é problemática, mas aqui é cimento de uma concepção religiosa. Na documentação, os bairros não existem, são comunidades. As comunidades aparecem como lugar de pessoas que têm uma vivência em comum, embora não se trate de pessoas confinadas num espaço sem relação com uma história que avança estes espaços. A igreja ou capela, surgem como lugar de reunião das pessas de determinada comunidade constituída ao redor do templo religioso. Cabe ressaltar uma reflexão de Agnes Heller sobre indivíduo e comunidade²⁸. Para Heller a comuni-

27 BACZKO, A. *A imaginação social*. Enciclopéida Einaudi. Lisboa: Imprensa Oficial - Casa da Moeda, 1985. p. 310-311.

28 HELLER, A. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 65-85.

dade tem uma relação com a individualidade, que não é casual. A casualidade teria resultado do surgimento da sociedade burguesa, "*por causa da relação casual do homem com sua classe*"²⁹, independente do fato de pertencer a uma comunidade. Como não estou tratando de relações de classe e sim de relações cotidianas sem definições rígidas de espaço de trabalho, oração e festa, por exemplo, a comunidade é entendida enquanto lugar de atividades em comum, onde os indivíduos se identificam, se representam ou são representados e vivem seus conflitos.

A balisa temporal para o estudo proposto, ficou estabelecida entre o início da colonização até a década de 1930. Estas datas não determinam fronteiras muito rígidas. Há permanências depois, tanto quanto há a força da tradição, das experiências vindas de um passado remoto. Como não pretendo descobrir origens, nem finalizar histórias, a balisa não é uma redoma onde os fatos estão lá presos. Como a construção de uma cultura religiosa em Nova Trento está muito ligada a atuação da Igreja, escolhi a década de trinta como "limite", por perceber que novos confrontos e idéias estavam surgindo nesta época, fazendo a instituição modificar suas relações e espaços de poder. A escola, por exemplo, vai deixando de ser espaço de domínio da Igreja.

Gostaria de dizer também, que a temática escolhida para este trabalho, a construção de uma cultura religiosa, embora esteja ambientada em Nova Trento, não significa que não haja semelhanças

29 HELLER, A. Op. cit. p. 73.

e coincidências com outras localidades de origem italiana ou não, dentro do processo mais amplo de Romanização. O óbvio faz parte do estudo do cotidiano. Volta e meia nos deparamos com situações familiares como se estivéssemos fazendo parte desta história. Mas, o óbvio também é objeto do historiador, pode suscitar que não é tão manifesto assim. Nova Trento viveu uma história religiosa dentro dos padrões de uma época. Para uma cidade que nunca alcançou o número de onze mil habitantes, achei curioso que tivesse uma dinâmica religiosa tão expressiva, ou seja, tantos oratórios, capitéis, numerosas capelas, duas congregações religiosas, tantas freiras e tantos padres... Contudo, não foi minha intenção inferir que Nova Trento foi mais ou diferente de qualquer outra cidade de cultura ocidental cristã. Meu trabalho não foi comparativo nem quantitativo. A representação que se faz de Nova Trento como um lugar religioso é real, mas esta representação tem história coincidente entre prática e representação. Ou seja, a própria representação faz parte das estratégias que conformam os indivíduos nas esferas de atuação, sempre colocadas em campos de concorrências e competições, pois, os sujeitos sociais representam seu mundo do jeito que pensam que é e como gostariam que fosse, enumerados em termos de poder, dominação, resistência. Procurei mostrar que ela foi resultado de uma construção cultural que envolveu tradição, interesses e relações de poder, ora coincidentes a outros lugares, ora peculiares.

No decorrer da pesquisa, procurei, agrupar os temas que abordavam a vida cotidiana nesta construção religiosa cultural. Os te-

mas, então, foram agrupados em quatro capítulos.

O primeiro parte de dois retratos: a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição e a Congregação dos Irmãos do Santíssimo Coração de Jesus. A partir destes, analiso como as instituições são constituídas. Como as relações são estabelecidas envolvendo interesses pessoais e de grupos.

No segundo capítulo mostro o conflito entre Igreja romanizadora e a tradição religiosa popular. Tento discutir como a historiografia acentua a religiosidade nas localidades de origem italiana. Aponto, portanto, para mostrar como esta religiosidade teve historicidade, foi construída a partir do empenho da Igreja e das pessoas. O sacristão e os capitéis são analisados neste processo de criação conflituosa de concepções diferentes de vivência religiosa, embora todas católicas.

No terceiro capítulo trato das relações de convivência cotidianas onde o sagrado está presente: família, trabalho e festas, rompendo os limites entre público e privado.

No quarto capítulo analiso a escola enquanto espaço de formação e educação religiosa. Para a escola convergem interesses institucionais políticos e religiosos que, embora possam parecer divergentes, no que tange à educação religiosa há muitas coincidências.

Assim se teceu esta malha de história. Tecida e ao mesmo tempo inacabada. Feita e desfeita se preciso for tecê-la tantas vezes.

IRMÃZINHAS E ROBERTINOS: AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS

Na perspectiva de abordar o processo de construção da cultura religiosa em Nova Trento e como esta se sustenta através do imaginário, escolhi começar pelo que chamarei de retratos. São eles: a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição e a Congregação do Santíssimo Coração de Jesus. A primeira Congregação é feminina e a segunda é masculina. Ambas são contemporâneas em sua criação e receberam incentivos e apoio dos padres jesuitas. Foram criadas em Nova Trento. São como retratos de uma cultura na qual o sagrado fazia parte das relações instituintes e instituídas.

Vivem o conflito entre representação de uma ordem social ditada pela Igreja Católica e as necessidades e anseios de uma comunidade ou de indivíduos inseridos na sua coletividade.

Dentre as duas congregações abordadas, a feminina ganha maior espaço neste capítulo. Pelo fato de as Irmãzinhas terem tomado uma proporção maior, no que se refere a duração e expansão, tem-se um maior alcance de suas problemáticas, além de maiores informações e documentação.

Outro motivo que corrobora a ênfase da pesquisa nas Irmãzinhas é a beatificação de Madre Paulina, considerada a fundadora da Congregação. Atualmente Nova Trento vem sempre associada à figura da Madre. Sua Beatificação pelo Papa João Paulo II, em 18 de outubro de 1991, tem trazido pessoas de várias cidades de Santa Catarina e do Brasil para Nova Trento. A cidade passou a ser conhecida como "Terra de Madre Paulina", como se anuncia no folheto publicitário da página seguinte. Isto pode ser visto como um desdobramento da representação do "celeiro de vocações".

CLIMA

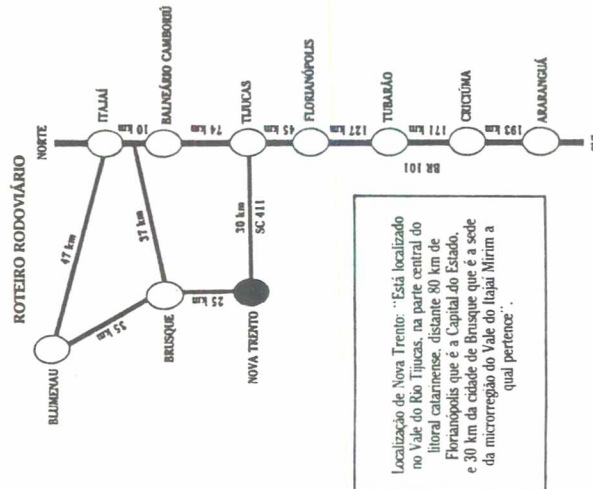
Subtropical, quente e seco no verão, frio e úmido no inverno.

INFORMAÇÕES

- Prefeitura Municipal de Nova Trento - Rua Santo Inácio, 126 - Centro - Fone (0482) 67-193 e 67-161 - Secretaria de Cultura e Turismo.
- CEIC - Centro de Encontros Imaculada Conceição - Rua dos Imigrantes, Centro - Fone (0482) 67-196.
- Irmãzinhas - Santuário Nossa Senhora de Lourdes - Vigolo. Fone (0482) 67-250.

ACESSO

As vias de acesso terrestre para Nova Trento, partem de Florianópolis e Blumenau em linha direta e linhas de turismo de todo o Estado.



Secretaria de Estado
da Tecnologia, Energia e
Meio Ambiente.



Santa Catarina
ESTADO DE PRAZER

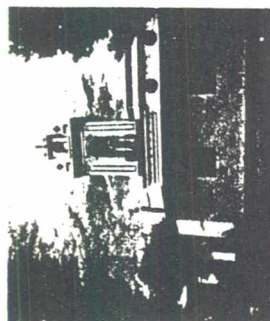
DADOS GERAIS

População	11.000 habitantes
Área	431 Km ²
Nº de Indústrias	45
Nº de Comércio	92
Repetidoras	2 - RBS - RCE
Alt. Nível do Mar	30 metros

MONUMENTOS

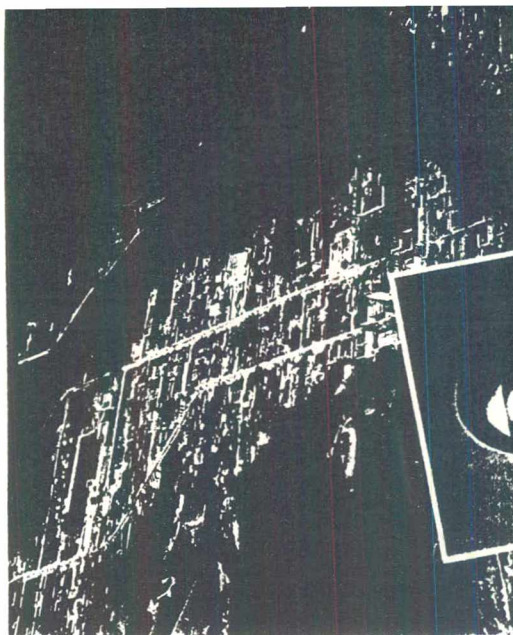
Nova Trento destaca-se muito no Turismo Religioso, com os seus Santuários:

- Santuário de Nossa Senhora de Lourdes em Vigolo, onde encontra-se o Monumento, Colina, Casebre e Museu da "Bem-Aventurada Madre Paulina".
- Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro, a 525 metros de altitude, no alto do Morro da Cruz.
- CEIC - Centro de Encontros Imaculada Conceição, com museu original de Madre Paulina.
- Igreja Matriz São Viglio, no Centro da cidade.
- Igreja Santa Ágata, no Bairro Bezenelo.
- Calvário - Trinta Réis.
- Belezas Naturais.
- Henrique Boiteux - Praça Getúlio Vargas - Centro
- Amável Visintainer - Rua Nereu Ramos - Centro
- Madre Paulina - Rua Madre Paulina - Vigolo
- Madre Paulina - Colina - Vigolo
- Monumento "1ª Missa" no alto do Morro da Cruz



Vista parcial do Morro da Cruz.
525 mts de Altitude

Monumento à Amável Visintainer
(Madre Paulina)



Vista aérea de
NOVA TRENTO



Prefeitura Municipal de Nova Trento
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo
NOVA TRENTO/SC

A madre é considerada santa por muitos devotos, embora seu processo de canonização esteja ainda em andamento. Talvez venha ser ela, oficialmente, a primeira santa brasileira.

Em decorrência do levantamento da documentação para dar encaminhamento ao processo de beatificação, deu como resultado o livro *Madre Paulina - biografia comentada*¹. Esta obra traça toda a vida da beata, desde seu nascimento na Itália até sua morte no Brasil, onde se naturalizou. Vida e obra são historicizadas para dar visibilidade a alguém que dedicou sua vida à causa divina, que foi a "Serva de Deus", e por isso, hoje, é beata. Esta publicação serviu-me de fonte para elaboração deste capítulo. Especialmente, foram de grande valor, embora traduções, os documentos que vêm copiados ao final de cada parte do livro. São cartas, registros cartoriais, pronunciamentos, relatos, alguns traduzidos do italiano e do latim, que me deram, indiretamente, acesso a arquivos diversos, inclusive na Itália. Acesso que seria para mim impossível não fosse através desta obra.

Na apresentação da referida obra, o relator, Padre Ivon Beaudoin diz se tratar de um "Positio" compreendido em três partes: biografia documentada da Serva de Deus, informações sobre as virtudes e a fama de santidade e sumário dos processos. Interessei-me especialmente a primeira parte. Na composição de tal "positio", colaborou de forma significativa uma Irmã da congregação de Madre Paulina, Célia Cadorin, acompanhada do Postulador da Causa, Padre Antônio Ricciardi, e sob direção do relator. Por se tratar

1 Roma, 1986.

de um processo para causa de beatificação, que resultou numa publicação, a obra em questão, talvez, não tenha propriamente um autor ou autores e sofra um intenso trabalho de seleção da documentação.

De *Madre Paulina - Biografia Comentada* tirei esta carta traduzida e copilada do Arquivo da Província Jesuíta, em Roma, por exemplo. Uma pérola que mostra como um jesuíta, via o fato de duas mulheres viverem numa casinha, separadas das famílias para cuidar de uma doente.

*"Eu estou aqui entre Tirolezes, a melhor gente do mundo, entre os quais não poucas tendem a perfeição. Há muitas jovens que têm vocação, sem poder pôr em execução um desejo tão santo. Algumas delas, mais fervorosas, reuniram-se para viver separadas do mundo, numa casinha: são almas verdadeiramente santas e esperam a visita do nosso bispo (...) o qual virá a estes lugares (...) depois da Páscoa, para colocar-se nas mãos dele, e tomar uma forma pia, adaptada às suas santas intenções. Parece mesmo um outro mundo esta Nova Trento"*².

Padre Luiz Maria Rossi é o autor desta carta escrita em 1895, ano de sua chegada em Nova Trento como superior da residência jesuíta ali estabelecida. Ele era um intelectual, romanizador por excelência. Desde os vinte e dois anos de idade entrou na Companhia de Jesus. Foi ordenado sacerdote na Austria em 1884, mas já no ano seguinte veio para o Brasil e lecionou no Colégio de Itú (jesuíta) em São Paulo, por nove anos. Padre Rossi ao escrever,

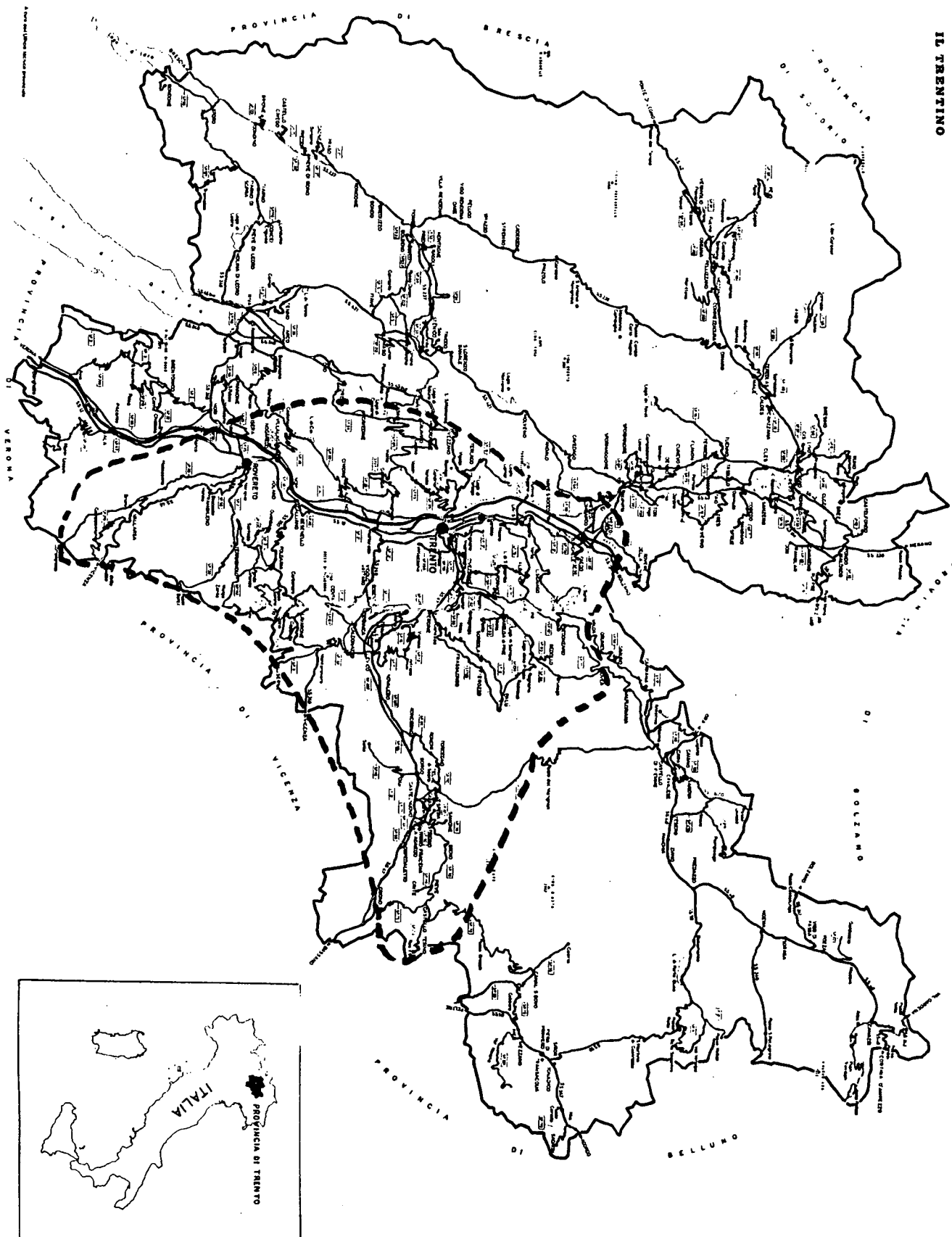
2 - "Carta de Pe. Luigi Maria Rossi à Suor Angélica, abadessa do Monastero Corpus Domini de Forli(Itália): 9 de março de 1895. Tirada das Lettere Edificanti dei Padri della Companhia de Gesù della Província Romana. Tipografia Poliglota de S.C. Propaganda Fide, Roma, 1897, p.96-97 - Arquivo da Província Romana Sociedade de Jesus". Apud *MADRE PAULINA - Biografia Comentada*. p. 103.

à sua irmã, abadessa do mosteiro de Corpus Domini, na Itália, conta suas impressões e intenções. Louva a iniciativa das jovens, mas concorda que deva tomar uma forma mais "adaptada às intenções do Bispo" e, conseqüentemente da Igreja, precisa institucionalizá-la. A imagem de "almas verdadeiramente santas", de "melhor gente do mundo" e que "tendem à perfeição" vem acompanhada de uma idéia de origem, pois são tirolezes, italianos da região do Tirol. Vieram para Nova Trento, mas continuavam sendo de "outro mundo". Ser gente melhor, significava, para o padre, pertencer a um imaginário religioso de fervor, dedicação e obediência.

As "jovens" das quais fala Padre Rossi, são Amábile Visintainer e Virginia Nicolodi. Quando o padre escreve, elas tinham, respectivamente, 30 e 31 anos de idade. Há vinte anos elas já viviam naquele lugarejo que havia recebido o nome da localidade de onde vieram: Vígolo Vattaro. Amábile e Virginia teriam vindo com suas famílias, na primeira corrente emigratória que partiu da região do Trentino(ver mapa anexo na página seguinte), em 1875, com destino a Santa Catarina. A região era então disputada na guerra austro-italo-prussiana. As nações européias estavam se definindo. As crises no setor econômico eram freqüentes. As campanhas para emigração eram convidativas. O crescimento industrial e as pragas que atingiam a agricultura, provocavam o êxodo camponês da região. O avanço do liberalismo tornava problemática a relação estreita entre campesinato e Igreja³.

Amábile e Virginia tão logo vindas da Itália, se destacaram

3 Sobre as problemáticas que envolveram a emigração ver: GROSSELLI, R. *Vencer ou Morrer*. Florianópolis: UFSC, 1987. p.19-103.



Fonte: GROSSELLI, Renzo Maria. Vincere o Morire: contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane. Trento: Effe e Erre, 1986. p. 20-21.

nas tarefas ligadas à Igreja. Cuidavam do catecismo dado às crianças, limpeza da capela e visita aos doentes. Os padres sempre confiavam a elas tais atividades.

Amábile cuidou dos trabalhos domésticos, dos irmãos, da capela e da catequese até os 25 anos. Com esta idade, sua mãe já era falecida, o pai havia casado novamente e os irmãos não dependiam tanto de seus cuidados. Então passou a se dedicar mais as atividades religiosas. Ela e Virgínia cogitavam junto ao padre a possibilidade de trazer uma congregação religiosa para Nova Trento, aonde pudessem viver como irmãs. Mas não havia recursos para tal empreendimento, justificara o padre. Amábile comentou, então, com Virgínia sobre a possibilidade de fazer um casebre junto a capela para que pudessem rezar, trabalhar, cultivar o espírito e ajudar os doentes. Virgínia se interessou pela idéia, mas temia a reprovação dos pais.

Amábile e Virgínia resolveram, então, falar ao padre sobre a idéia. Padre Rocchi aprovou. Mas faltava um fato concreto que viesse transformar a idéia em realidade. Precisava-se o engajamento coletivo entre Igreja, comunidade e as idealizadoras.

Foi quando em 1890, uma mulher idosa e doente de câncer veio do Salto(outra localidade de Nova Trento) visitar sua filha no Vígolo. Já em estado grave e impossibilitada de voltar para casa, permaneceu ali. O genro e a filha queriam interná-la no hospital, mas este ficava em Desterro(atual Florianópolis). A distância e a falta de recursos para levá-la inviabilizou esta possibilidade. Os familiares, que trabalhavam na roça, alegavam não poder cuidar da idosa. Conta Virgínia:

"Surgiu então em várias pessoas que se interessavam pela doente, a idéia que éramos nós duas as únicas que deviam se sacrificar por ela tomando-a conosco, que ainda não tínhamos casa, para servi-la em tudo. Tendo esta idéia tomando vulto foi-nos definitivamente oferecida a pobre criatura e nós a aceitamos com grande consolação"⁴.

Amábile e Virginia: consoladas e decididas ao sacrifício. Esta era a imagem necessária para que tudo começasse. Contatos foram acionados. O padre pediu ao seu amigo Benjamin Galotti, um negociante italiano residente em Tijuca, permissão para usar um casebre de madeira de 24m², de sua propriedade. O sr. Galotti fez a doação acrescentando um metro de terreno em volta do casebre que logo foi batizado como "*Ospedaletto San Vigilio*" (Hospitalzinho São Vigilio). O hospitalzinho foi o início prático do desejo de seguir a vida religiosa almejada pelas duas moças.

Um abrigo e orações, então, eram o que Amábile e Virginia podiam oferecer à doente. Para seus familiares e apoiadores parecia ser o suficiente, embora existisse por ali pessoas contrárias a esta iniciativa: pensavam que melhor seria as duas moças permanecerem com suas famílias. O desafio de viver de uma forma ainda não autorizada pela hierarquia eclesiástica, com exceção da aprovação do padre local, dava margem aos comentários e interpretações diversas. Ser diferente gerava o conflito entre atender a uma doente, bem como sua família, e anseios individuais das moças, fugindo da "normalidade" cotidiana.

Assim começou o que mais tarde veio a se chamar Congregação

4 Cf. M.MATILDE, l.c., p.45-46; M.DOROTEIA, l.c., I parte, p.23 - Arquivo da Congregação das Irmazinhas da Imaculada Conceição. Apud MADRE PAULINA - *Biografia Comentada*. p.86.

das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Os padres jesuitas são presença frequente nesta história. De fato, foram eles elementos pedagógicos para o direcionamento da congregação. Presentes na cidade desde 1879, havia sempre um que a acompanhava mais de perto. Alguns destacaram-se mais do que outros, como foi o caso do Padre Rossi. Considerado antes do processo de beatificação da Madre Paulina, o "padre fundador". Foi ele quem acompanhou e incentivou o processo de oficialização da aprovação da Congregação⁵, seu crescimento e expansão. Fazia parte do processo de romanização o investimento na criação de seminários e no encaminhamento de ordens e congregações religiosas para dar sustentação à nova estrutura organizacional do projeto romanizador da Igreja Católica no Brasil, iniciado na segunda metade do século XIX e acelerado com a implantação do regime republicano⁶.

Numa localidade basicamente de agricultores, aquele hospitalzinho atendia não só doentes, mas também meninas sem mãe e mulheres idosas. Ali se reuniam, ajudavam-se mutuamente e à comunidade. O hospitalzinho virou escola, espaço de oração e catequese - espaço de reunião. O trabalho desenvolvido ali, tomou tais proporções

5 "Fazemos saber que attendendo ao que em sua petição Nos enviou a dizer e Revdo-Superior da Residência dos Padres Missionários da Companhia de Jesus, e tendo em vista o bem espiritual de Nossos Diocesanos, Aprovamos, o quanto em nós está, a pia associação da 'Filhas de Maria' - estabelecida n'esta Villa de Nova Trento e na Paróchia de S. João Batista das Tijucas, n'este Estado de Santa Catharina e Bispado de Curytiba". Registro da aprovação do Instituto da Serva de Deus: 25 de agosto de 1895. Orig., Arquivo da Cúria Metropolitana de Curitiba. Apud MADRE PAULINA - Biografia Comentada. p. 105.

6 SERPA, Elio C. *Igreja, elites dirigentes e catolicismo popular em Desterro/Florianópolis, Laguna e Lages (1889-1920)*. São Paulo: USP, 1993. Tese de Doutorado. p. 105.

que suscitou o investimento dos padres para que aquela instituição fosse levada para o centro do núcleo colonial de Nova Trento. Isto aconteceu em 1894. A pedido dos sacerdotes, o sr. João Valle e seu sogro Francisco Sgrott, grandes proprietários e políticos locais, fizeram a doação do terreno. Os padres, com a ajuda dos moradores coordenaram a construção da nova casa que abrigaria Amábil, Virginia e Teresa(nova integrante do grupo). No dia 2 de fevereiro de 1896, e no dia 25 de março do mesmo ano, cinco moças receberam novo hábito(vestimenta própria) e proferiram os votos de noviças.

A congregação começou com duas pessoas, logo eram três, no ano seguinte já eram cinco e, assim, a cada ano aumentava o número de ingressas vindas da cidade e regiões vizinhas. Em 1899, eram *mais de 20 religiosas*, distribuídas em duas casas. No centro de Nova Trento passaram, em 1896, a ocupar um prédio maior, alugado. Era o Externato Imaculada Conceição que abrigava órfãs educadas pelas Irmãs. Em 1900, o prédio foi fechado e as Irmãs continuaram a dispor da primeira casa da congregação no centro da cidade. No Vigolo, o antigo hospitalzinho foi reinaugurado, aumentado por uma cobertura lateral, em dezembro de 1895.

Havia ali uma cultura religiosa vivida no cotidiano, nas relações sociais estabelecidas que favoreciam o crescimento da congregação.. Relações familiares e comunitárias. Uma religiosidade presente nos vários espaços de socialização: casa, rua, escola, igreja... Os capítulos seguintes darão melhor visibilidade a estes espaços e relações que constroem uma cultura.

As tantas mulheres que ingressaram na congregação, estão inseridas nesta cultura religiosa, aonde era um orgulho para os pais ter filhos padres ou freiras. Ao mesmo tempo, havia um empenho por parte dos padres em promover e dar encaminhamento a essas vontades e iniciativas individuais ou comunitárias no sentido de dar uma "forma mais pia", adequada às regras estabelecidas pela Igreja, integrando interesses da instituição e de grupos.

As instituições ali criadas ou estabelecidas organizavam estratégias para vencer desafios colocados. Doenças excluía pessoas da "normalidade" da "vida produtiva", da roça ou de outras atividades. A morte de dezenas de pessoas atingidas por doenças ou epidemias, como a do tifo, deixaram crianças órfãs. As casas das congregações, embora apareçam como exercício de poder da Igreja romanizada, foram também estratégia de pessoas que confiavam à Irmãs ou Irmãos religiosos, a formação, educação e cuidado de crianças, mulheres e homens.

O esforço em conseguir terreno, estabelecimento em casas ou outras construções arquitetônicas apropriadas e recursos para manter as congregações envolvia troca de favores e interesses institucionais, da elite local, famílias e Igreja. Havia um envolvimento coletivo e relações de poder estabelecidas. Os chamados benfeitores eram sempre pessoas que pertenciam a elite local: comerciantes, políticos, grandes proprietários. As "benfeitorias" eram retribuídas em forma de formação educacional e moral às crianças, assistência aos doentes, incremento no consumo de mercadorias di-

versas e, ainda, status social. Desta forma, confirma-se a afirmativa de Elio Cantalicio Serpa de que *"a nível local, as ordens e congregações religiosas estrangeiras, masculinas e femininas, com a anuência do bispo, mantiveram-se intimamente ligadas com o poder de mando local para dar cabo a seus projetos e, em contrapartida, contribuíram para a viabilização dos projetos políticos das elites dirigentes, sacralizando as relações que estas estabeleceram no cotidiando"*⁷.

Contudo, as Irmãs não viviam só de "benefícios" mas também trabalhavam na manutenção da Congregação. Cultivavam roças com meirinhas e durante dez anos mantiveram uma fonte de renda própria: a fábrica de seda, chamada filanda. Nesta fábrica trabalhavam mulheres e crianças (Irmãs, noviças e educandas) além das famílias envolvidas no cultivo das amoreiras (alimento para o bicho-da-seda). A seda produzida pelas Irmãs participou de concursos nacionais e internacionais, ganhando medalhas pela qualidade do produto. Com a seda faziam paramentos litúrgicos: estolas, estandartes, bandeiras, etc. O que produziam vendiam para o mercado local e para outras cidades. Madre Paulina foi quem tomou a iniciativa de tocar a frente o projeto de montar a fábrica. Ela já tinha experiência com este tipo de trabalho na Itália, bem como alguns colonos que conheciam o cultivo da amoreira e o processo de fabricação da seda. A Madre teve apoio dos padres para obter contato com pessoas que trabalhassem com a seda em Brusque, cidade vizinha, e, desta for-

7 SERPA, E.C. Op. cit. p. 115.

ma de conseguir o maquinário necessário. É bom lembrar que a colonização de Brusque é anterior a de Nova Trento. Em 1860, Brusque recebeu imigrantes alemães. Mais tarde vieram portugueses, suíços, holandeses, italianos e franceses. A diversidade de profissões artesanais nesta região propiciou a indústria fabril familiar que desdobrou-se em indústrias têxteis conhecidas até os dias atuais.

Numa carta de Madre Paulina ao Padre Eising, de Brusque, percebe-se a determinação e preocupação de desenvolver um trabalho que contribuisse na formação e preparo das meninas, bem como oferecer uma nova opção de trabalho aos colonos. 3 de junho de 1896:

"Determinei estabelecer uma pequena fábrica de tecelagem, oferecendo assim um meio eficaz para a educação religiosa da juventude feminina de Nova Trento, e o mesmo tempo, dar a este povo um meio de vida. Tenciono ir a Brusque com uma companheira e aí ficar uns quinze dias, visitando as fábricas, adquirindo assim conhecimento que me falta"⁸.

Desta forma, podemos perceber que as casas das congregações não eram espaço de clausura e recolhimento meramente, como era o caráter dos conventos medievais. Ao contrário, assumiam um papel social envolvendo assistência, formação e trabalho.

Já no século XVIII havia esta inversão na concepção dos conventos. Transformavam-se em "casas assistenciais de reclusão". Ou ainda, orfanatos e educandários encobriam o caráter de vida contemplativa para ativa, afirma Leila Mezan Algranti ao dissertar

8 Carta da Serva de Deus ao Pe. Antonio Eising: 3 de junho de 1896. Extraído da História da Congregação, II parte, p. 17. Arquivo da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Apud MADRE PAULINA - Biografia Comentada. p. 131.

sobre a condição feminina em conventos e recolhimentos brasileiros do período colonial⁹.

Ainda sobre esta questão assistencial, Jacques Donzelot fala que na Europa do século XIX, teria surgido este "polo" ligado ao que ele chama de filantropia, compreendida em três tipos: hospitais gerais e abrigos, esmolas individuais e companhias de caridade organizadas em torno da paróquia. Para o autor, a filantropia aparece "*como uma estratégia deliberadamente despolitizante face à instauração dos equipamentos coletivos. Ocupando uma posição nevrálgica equidistante da iniciativa privada e do Estado*"¹⁰.

A assistência social prestada pelas congregações em Nova Trento, encontra-se dentro desta concepção da época. A filanda tinha função produtiva material e função espiritual ou religiosa. Contribuia para a formação de mulheres. Produziam-se paramentos para cerimônias religiosas. Estabeleciam-se relações de produção, consumo e formação moral e para o trabalho.

Atualmente o maquinário da fábrica está conservado no museu da congregação na cidade. A "filanda" não era uma empresa que visava lucro, nem as pessoas que aí trabalhavam, dedicavam-se exclusivamente a ela. Tinham outras atividades, como já foi colocado. O apoio das autoridades locais para novos investimentos na área era sempre imprescindível. A epidemia que matou os bichos-da-seda foi

9 ALGRANTI, Leila M. *Honradas e devotas: mulheres da colônia - condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: EdunB, 1993. p. 62-81.

10 DONZELOT, J. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 56.

o estopim para o fim deste empreendimento.

O trabalho de formação e preparação religiosa junto às crianças, o cuidado das capelas e o atendimento aos doentes, eram papéis femininos. Atividades como estas tornavam as mulheres mais participativas na vida religiosa do que os homens e se poderia até mesmo falar deste papel feminino assumido pelas mulheres: a formação da cultura religiosa. A importância das mulheres como formadoras não é próprio de Nova Trento ou das italo-brasileiras. Embora a historiografia, em grande parte escrita por homens, não venha dando valor às diversas atividades das mulheres na história, ou a suas atividades apareçam como secundários e consequentes da ação dos homens, a questão de gênero tem sido preocupação de algumas historiadoras. Cristina Scheibe Wolff trata muito bem como as mulheres teuto-brasileiras, em Blumenau, eram formadas e formadoras num processo de construção cultural para serem "*boas donas de casa, trabalhadeiras, limpas e prendadas*"¹¹. A conclusão da autora de que esta formação partia basicamente de três instituições sociais (família, escola e religião), serve para Blumenau, Nova Trento e outras localidades.

As mulheres assumiam papel fundamental enquanto formadoras, todavia o espaço da igreja era domínio primordial dos homens. Os padres ou os sacristãos aparecem liderando a maior parte das atividades religiosas. Natalie Davis¹² mostra que estas desigualdades

11 WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da Colônia Blumenau - cotidiano e trabalho (1850-1900)*. São Paulo: PUC, 1991. Dissertação de Mestrado. p. 68.

12 DAVIS, N.Z. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 63-86.

entre homens e mulheres foram mantidas nos processos de reforma e contra-reforma, na França do século XVI. Houve mudanças, como por exemplo, mulheres passarem a cantar junto aos homens nos coros de igreja. Contudo, lembra a autora, não se eliminou a sujeição da mulher. Porém, observa-se, a exemplo francês, que os espaços de sujeição são também de atuação, participação e mudança.

A maior participação das mulheres nas atividades religiosas, em Nova Trento, deve ter contribuído para a grande expansão das Irmãzinhas. Diferente da Congregação do Santíssimo Coração de Jesus, formada por homens. Esta congregação tinha um funcionamento parecido àquela que criaram Amábile e Virginia. Roberto Facchini foi quem liderou o grupo dos seis que optaram pela vida religiosa, em 1900, por isso, estes Irmãos do Santíssimo Coração de Jesus, ficaram conhecidos como Robertinos. Eles construíram uma casa no centro de Nova Trento, próximo à paróquia. Cuidavam da Catequese de meninos; auxiliavam os padres no cuidado da igreja, dos doentes, e os acompanhavam nas viagens; abrigavam meninos pobres, homens perdidos e embriagados; lecionavam.

Para abordar esta congregação masculina, utilizei a obra do historiador Walter Piazza. Ele escreveu a partir de um "*Diário dos Irmãos da Congregação do Santíssimo Coração de Jesus*", "numa mistura de italiano e português". Teve como fontes, também, partes de relatos de padres da época: Padre Cybeo e Padre Ganarini. O autor não explica quais as suas razões, mas diz que os "depoimentos colhidos entre os contemporâneos, não são preciosos"¹³. Talvez o au-

13 PIAZZA, W. F. *Os Robertinos*. In: ANUARIO CATARINENSE. Florianópolis, 1955. p. 162-165.

tor pense assim, por não considerar as fontes objetivas para a sua perspectiva da história, carregadas que são das implicações subjetivas de seus autores.

Piazza chama os Robertinos de idealistas talvez pela luta em construir uma congregação para o "aprimoramento espiritual das gentes" em meio a tantas dificuldades. Estes moços chegaram a formar um grupo de doze congregados. Mas, em 1906, só restavam três e estes resolveram ingressar na Companhia de Jesus. O primeiro a sair reclamou do excesso de trabalho. Reclamavam "falta de amparo" e necessidade de alimentos, tendo que pedir esmolas nas casas e trabalhar nas lavouras vizinhas em troca de comida.

Obra de idealistas parece não ser a definição mais apropriada para a Congregação do Santíssimo Coração de Jesus. Uma sociedade que determina espaços e papéis diferenciados para homens e mulheres, necessitava também de instituições que cuidassem da catequese de meninos, quando eram separados das meninas, que abrigassem e regenerassem aqueles extraviados da ordem estabelecida e caídos em bebedeiras, e ainda, que auxiliassem no trabalho apostólico dos padres. Roberto Facchini, líder da congregação, não era um escolhido aleatoriamente, nem suas idéias partiram de algum tipo de iluminação divina. Ele teve uma boa formação escolar. Influenciado pelos jesuítas, estudou no Colégio São Luiz, em Itú, São Paulo. Terminou seus estudos no seminário dos jesuítas, em Nova Trento. A idéia de formar uma congregação teve incentivo do Padre Rossi. A experiência dos rapazes de se unirem numa congregação não durou muito tempo, mas dali saíram padres jesuítas que viveram como tais até o final de suas vidas, embora atuando em outras comunidades.

As congregações, tanto femininas quanto masculinas, tinham uma função assistencialista e formativa. Sustentando-se também através do imaginário, constituído em regras de comportamento e hábitos(vestuário) devidamente aprovado pelo bispo.

Os nomes religiosos adotados pelas Irmãs a partir da profissão dos votos, as diferenciavam das mulheres "do século"(que não faziam parte das congregações) - deveriam revelar a opção de vida e a devoção sentida. Amábile Wisintainer passou a chamar-se Paulina do Coração Agonizante de Jesus, Virginia Nicolodi adotou o nome de Matilde da Imaculada Conceição, e Teresa Maule, o de Inês de São José. Jesus, Maria e José, presentes nos nomes adotados formavam a tríade de grande devoção, tanto na congregação, como na comunidade, coincidindo também com as devoções promovidas pelos jesuítas, agentes romanizadores.

Hábito, nome, regras, vocação - eram requisitos imprescindíveis para quem ingressasse na congregação. Esses requisitos faziam parte da imagem de religiosa, ou religioso(já que os Robertinos também cumpriam tais exigências, com excessão do nome). Esta imagem era acompanhada de um discurso que pregava obediência, dedicação, humildade - deviam se espelhar no modelo dos santos. Um fato que mostra o rigor desta forma de pensar e agir foi o caso da Irmã Bernardina.

Irmã Bernardina do Bom Conselho faleceu com 24 anos, em 1902. Aos sete, fora entregue às Irmãs por seus pais italianos estabelecidos em Blumenau. Na véspera da festa de Nossa Senhora de Lour-

des, prometeu passar-se por Bernardete, pois, segundo ela, na gruta, Nossa Senhora estava só. As outras Irmãs da casa não deram importância, mas Irmã Bernardina foi vista fazendo adoração por três horas seguidas. No dia seguinte, ela amanheceu mal e, logo depois da extrema-unção, morreu¹⁴. A Irmã, pelo que se comprova, era devota de Nossa Senhora de Lourdes e tinha grande admiração por Santa Bernardete Soubirous, tanto que resolveu imitá-la em nome e em ação. Bernardete Soubirous, nasceu em Lourdes, na França, em 1844, era menina pobre do meio rural. Em 1858, junto a algumas companheiras, viu uma luz numa gruta na encosta da montanha, era, segundo ela, Nossa Senhora vestida de branco, faixa azul, terço na mão, convidando-a rezar. Foram dezoito aparições ao todo, nelas, Bernardete rezava e conversava com Nossa Senhora. A mensagem resumia-se em conversão e oração¹⁵.

As Irmãs conheciam e se espelhavam na vida dos santos. A respeito disso, Madre Dorotéia transcrevendo Madre Matilde (considerada uma das primeiras historiadoras da Congregação), diz: "*Os santos ensinam que sofrendo com resignação, as contrariedades, as perseguições, santificam a alma*"¹⁶. Nesta concepção, Irmã Bernardina teve uma morte honrosa, pois mesmo sendo adoentada como era, se prostrou às orações à Nossa Senhora, desafiando sua capacidade

14 Arquivo da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. *Histórico da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, de 1875 a 1894*. p. 121.

15 CONTI, Servílio. *O Santo do Dia*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 83-84.

16 Arquivo da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. *Histórico da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, de 1875 a 1894*. p. 121.

física e aqueles que a viram. A morte na_o era encarada como prematura ou como se Bernardina tivesse premeditado. Nas palavras do Padre Aguiar, "a Santíssima Virgem a havia chamado"¹⁷. A morte, então, era uma recompensa. Philippe Ariès lembra que na Alta Idade Média, pensava-se:

*"Desde que o Cristo ressuscitado triunfou sobre a morte, a morte neste mundo tornou-se a verdadeira morte, e a morte física, acesso à vida eterna. E por essa razão que o cristão se empenha em desejar a morte com alegria, como um renascimento"*¹⁸.

Este cristão empenhado, tem a morte excepcional do santo, diz o autor, lembrando que mesmo com este ideal de morte(ou vida), a literatura, já do século XV, mostrava o apego à vida terrestre. Desta forma, vê-se que apesar do ideal santo de vida e morte veiculado pela Igreja e incorporado pelos cristãos, nem todos o aceitavam plenamente.

Mas, Padre Rossi procurava lembrar sempre às Irmãs as virtudes dos santos a serem imitadas. Diz ele numa de suas cartas à Madre Paulina:

"Não podemos sofrer coisa alguma, seja no espírito, seja no corpo, que não tenha sido provada em grau mais pungente pelos santos, que agora no paraíso

17 AGUIAR, Lourenço da Costa. *Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus*. São Paulo: Casa Generalícia/Escolas Profissionais, 1962. p. 81.

18 ARIES, Philippe. *O homem diante da morte*. Vol. I, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. p. 14.

gozam com seu Deus"¹⁹.

Além da leitura de vida dos santos, cabia às Irmãs observar cinco virtudes: pobreza, castidade, obediência, caridade e paciência²⁰. Acrescentando-se as penitências durante todo o ano²¹(exceto Tempo Pascal e Oitavas das Festas): terças e sextas o uso do cilício por uma hora (exceto aos doentes); quartas e sábados alguma disciplina estabelecida; quarta, sexta e sábados um obséquio no refeitório(tirava-se a sorte quem o faria). Exemplo do que consistiam tais obséquios:

*"Pequenos Obséquios a fazer no refeitório: pedir esmola; Dizer a culpa; Comer de joelhos; Comer assentada no chão, Beijar os pés das Irmãs; 5 glórias, em pé, com os braços abertos; 1 Miserere em pé; 1 Miserere com os braços abertos; 1 Miserere com a cabeça inclinada; 3 Ave-Marias, à Santíssima Virgem; 3 Ave-Marias, com a cabeça inclinada; 3 Padre-Nosso a São José, com os braços cruzado no peito; e Requiens, com as mãos debaixo dos joelhos; 3 De profundis, de joelhos; Dizer as orações da mesa com os braços abertos; Dizer as orações da mesa com os braços sobre o peito"*²².

-
- 19 Carta de Pe. Luigi M. Rossi à Serva de Deus: 27 de maio de 1903. Orig., Arquivo da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Apud *Madre Paulina - biografia comentada*. p. 190.
- 20 Arquivo da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Carta da Madre Vigária à Madre Paulina, em 20/03/1905. In: *Histórico da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição de 1904 a 1909*. p. 201.
- 21 Arquivo da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. *Histórico da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição de 1895 a 1903*. p. 83.
- 22 Arquivo da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. *Histórico da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição de 1875-1894*. p.83.

A observância e o exercício das virtudes eram opções feitas pelas moças da congregação desde postulantes. Embora elas fossem incentivadas pela família, pelo padre e pelo meio em que viviam, não encontrei nenhum registro de coação ou compulsão que as levassem a optar pela vida religiosa, semelhante aqueles exemplos clássicos medievais em que as mulheres iam para o convento para se livrarem de casamentos indesejados ou homens seguiam o sacerdócio por exigência familiar e social para manutenção de status e questões de patrimônio. É bem verdade que o discurso que pregava um ideal de vida santa baseada no celibato e entrega a Deus através da Igreja, era uma forma indireta de coação ou compulsão. Todavia aquelas que resolveram dedicar-se ao trabalho comunitário ligado à educação e assistência aos doentes especialmente, encontraram na congregação uma forma de fazê-lo sem que fossem discriminadas pela sociedade como mulheres de "má índole" por abandonarem suas casas e famílias. A causa era justa - servir o Senhor - se não era o pretexto era o contexto.

O imaginário religioso constituído neste espelho de santidade, de vida casta e mortificada, de certa forma servia muito bem ao discurso da obediência e do respeito à autoridade. Padres e bispos eram hierarquicamente, autoridades que não deveriam ser contestadas. Sobre a autoridade do bispo, por exemplo, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, então bispo de Santa Catarina, ressalta em 1934:

"É preferível que uma obra não se faça, a fazê-la sem ou contra a vontade do Bispo. Além da autoridade e responsabilidade, tem do céu as graças de es-

tado e luzes especiais para o bom governo da sua Diocese"²³.

O discurso da obediência à hierarquia fazia as Congregações ficarem sujeitas à autoridade da Igreja. Esta, por sua vez, fazia alianças com a elite local para conseguir se estabelecer e se manter em determinados espaços, com poder de influência e ação. No Brasil como diz Sergio Miceli, os bispos "*buscaram calçar a implementação das metas expansionistas da organização eclesiástica valendo-se de alianças frutíferas com as lideranças oligárquicas*"²⁴.

Esta questão está colocada, também, quando a Congregação das Irmãzinhas começa a se expandir, em 1903, indo para São Paulo e outras cidades. Em julho do mesmo ano, Madre Paulina, acompanhada pelo seu pai e duas Irmãs, Luiza e Serafina, chegaram ao alto do Ipiranga. Padre Rossi cuidou de fazer os contatos. A capelinha da Sagrada Família, para onde iam as Irmãs, estava localizada em terreno do Dr. Vicente de Azevedo, grande proprietário de terras e escravos, então deputado estadual, que muito interessado no estabelecimento de obra assistencial, doou grande propriedade, financiou passagens e conseguiu recursos para obras e estabelecimentos. Enquanto a casa anexa à capelinha não ficava pronta, as Filhas da

23 Dom Joaquim: Sermão na Festa do Senhor Bom Jesus, na Igreja de São Francisco ("República", 19/08/1934). Dom Joaquim: Sermão na Inauguração da Igreja de São Luiz e Nossa Senhora de Lourdes, em Pedra Grande(1923). Apud BESEN, José Artulino. *Dom Joaquim Domingues de Oliveira*. Florianópolis: IOESC, 1979. p. 45.

24 MICELI, S. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S/A, 1988. p. 22.

Imaculada Conceição (como se chamavam antes de ser Irmãzinhas) ficaram com as Irmãs do Asilo Bom Pastor, também no Ipiranga. Morando em área nobre de São Paulo, a congregação teve ricos "benfeitores" que contribuíram para logo levantar grande patrimônio. Recursos recebidos em São Paulo, muitas vezes foram enviados pela Madre Paulina para ajudar a congregação em Nova Trento.

Saindo do espaço de Nova Trento, as Irmãzinhas já não eram simplesmente aquelas moças preocupadas com a questão assistencial e religiosa de sua cidade. Embora estas questões permanecessem, haviam interesses maiores em jogo. Talvez pela falta de percepção e aceitação dessas novas relações, Madre Paulina tivesse que passar pela chamada provação, em São Paulo, que resultou na sua destituição do cargo de Superiora Geral. Madre Paulina enfrentou este conflito com a elite local aliada ao arcebispo. A propriedade que passou a ser das Irmãzinhas no Ipiranga, sustentava-se e crescia com recursos financeiros da elite local. Entre esta elite, a viúva Anna Brotero de Barros teve atuação significativa. Sua presença constante na instituição influenciava opiniões e decisões dentro da congregação, criando divergências ou indo além da autoridade de Madre Paulina. Anna Brotero, então, se afastou da congregação. O fato foi tomado pelo Padre Rossi e pelo Bispo Dom Duarte como uma ingratidão por parte da superiora a quem havia contribuído para o funcionamento da instituição.

Elite local e arcebispo, preocupados com a defesa do patrimônio material se davam ao direito de interferir em questões de organização interna da congregação. O preço foi a destituição do cargo em 1909. A aceitação desta determinação do arcebispo, mostra

como o discurso da obediência à hierarquia era utilizado para acabar com possíveis discordâncias. Saber aceitar era um ato de abnegação e respeito.

A resolução do arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo da Silva eram tidas como para controlar os impetos, afastar as Irmãs das coisas do mundo e aproximá-las de Jesus, exemplo máximo de virtude. Como se falasse em parábolas, Padre Rossi profetiza o facto:

*"Avisei desde o princípio que os impetos('furie') especialmente nas superiores, e especialmente, na Fundadora, deveriam desaparecer, e que a caridade a mais cordial devia ser o distintivo de uma Congregação tanto humilde como alta, constando ela de virgens, que deixaram suas famílias para cultivar o belo lírio, e para oferecê-lo perfeito um dia ao santo Paraíso; se este lírio cresce perfumadíssimo entre os espinhos das tribulações, que vem dos pecadores que nos circunda neste vale de lágrimas, e esta é a Vontade de Jesus, é porém muito contrariado, definhado, este belo lírio pelas palavras e pelo modo de fazer mundano das superiores, e Jesus quer que estas mostrem todo o amor e a caridade que faz amar o jardim de Jesus, que é a Congregação, e esquecer sempre os tabernáculos dos pecadores"*²⁵.

Toda pena ou sofrimento tornava-se exercício de perfeição no imaginário religioso da congregação. Aconselhava-se à Madre Paulina a ler...

"(...)alguma vida de santa que tenha sido submetida às mesmas provas que vós, e depois quando sentis que os sofrimentos continuam, colocai-vos diante daquela bela imagem de Jesus Apaixonado, e sofrei diante do SS.Sacramento, como se estivesse presa,

25 Carta de Pe. Luigi M. Rossi à M. Vicência Teodora da Imaculada Conceição: 7/7/1909. Orig., Arquivo da Congregação das Irmãs da Imac. Conceição. Apud MADRE PAULINA - Biografia Comentada. p.277.

como foi ele, à coluna da flagelação (...) É destas penas que virão as luzes e a força as grandes obras no futuro"²⁶.

Apesar dos conflitos e das relações de poder estabelecidas, o número de ingressas na Congregação das Irmãzinhas era crescente, bem como o processo de expansão. No mesmo ano em que as Irmãs foram para São Paulo, receberam convite para assumir o hospital de Azambuja, em Brusque. Assumiram-o, então, em 1903. Entre hospitais e escolas, as irmãs foram para: Itajaí, no Estado de Santa Catarina; Bragança Paulista, Itatiba, São Paulo, São Carlos do Pinhal e Aparecida do Norte no Estado de São Paulo²⁷, entre outras cidades, mais tarde. A Congregação das Filhas de Maria foi se espalhando por várias cidades do Estado de Santa Catarina e do Brasil e delas recebendo novas adeptas, levando ao fortalecimento da instituição. Em 1909, a congregação contava com 52 Irmãs, 6 noviças e 6 postulantes.

Muitas mulheres e homens neo-trentinos passaram pelas casas de formação religiosa (seminários e conventos), muitas tornaram-se freiras e muitos, padres, como também, muitos saíram, casaram-se ou seguiram suas vidas de solteiros. Numa cidade pequena, que poucas oportunidades oferecia, a vida religiosa era oportunidade, também de conhecer outros espaços e culturas, de estudar e, principalmente, promover-se já que muitos provinham de famílias

26 Carta de Pe. Rossi à Serva de Deus: 7/09/1909. Orig., Arquivo da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Apud *MADRE PAULINA - Biografia Comentada*. p. 282-283.

27 *MADRE PAULINA - biografia comentada*. p. 179.

pobres.

A formação escolar dos seminários e conventos, se não finalizasse na ordenação, capacitava homens e mulheres para assumirem cargos de um certo status, como o de professor e político. Francisco Valle, por exemplo, foi Robertino, depois professor e prefeito de Nova Trento.

A Congregação das Filhas de Maria (Irmãzinhas da Imaculada Conceição, por sugestão de Dom Duarte, a partir 1909) e a Congregação do Santíssimo Coração de Jesus (Robertinos), foram construídas a partir das problemáticas cotidianas de seu contexto social. Ao mesmo tempo que visavam o aperfeiçoamento espiritual e moral, não só dos congregados mas também das pessoas para quem o trabalho era dirigido, eram organizações de promoção local. Era uma forma de preparar pessoas para o trabalho educacional junto às escolas, para funções curativas junto ao hospital, para funções acolhedoras junto à população não produtiva (crianças, velhos, deficientes), para funções empregatícias (já que eram consumidores e ofereciam oportunidade de emprego para outros) entre outras.

O discurso católico ultramontano, baseado no sacramentalismo e ritualismo romano, impulsionou os padres na orientação para formação e sustentação destas congregações. Contudo, as problemáticas daquela comunidade e sua busca de soluções revelou caminhos em que ambas as partes, Igreja e comunidade, souberam tirar proveitos. As redes de solidariedade e blocos de dependências e interdependências foram criadas neste conflito entre dominação de uma concepção de Igreja romanizada e da apropriação desta para construção de algo novo que correspondesse as questões da população neo-trentina.

COLONOS E JESUITAS: TRADIÇÃO E ROMANIZAÇÃO

Grande parte dos imigrantes estabelecidos em Nova Trento, a partir de 1875, era de origem camponesa . Isto já era determinado pelo Contrato Caetano Pinto com o Governo Imperial, de 17 de junho de 1874. Tal contrato, prometia introduzir no Brasil, no prazo de dez anos, cem mil imigrantes europeus, agricultores em maior parte, sendo que apenas 20% poderia pertencer a outras profissões. Deveriam ser, ainda, "*sadios, laboriosos e moralizados*"¹.

Embora assim versasse o contrato, muitas pessoas emigraram fora do enquadramento normativo. Em 25 de junho de 1878, o Diretor da Colônia Itajaí e Príncipe Dom Pedro, a qual Nova Trento pertencia, em ofício ao Ministério da Agricultura, registrava a entrada de "criminosos e um crescido número de velhos e inválidos"². Ainda, em ofício do Ministério da Agricultura ao Presidente da Província, no mesmo ano, registrava-se o ingresso, na Colônia Blumenau, de "imigrantes inválidos e indigentes", além de "mutilados, antigos criminosos de homicídio, de roubo e contrabando, incapazes, por sua índole e hábitos, de qualquer trabalho rural"³.

O contrato Caetano Pinto também prometia terras para cada família e subvenção do governo para abertura de estradas e espaços para casas e lavouras nas colônias. Na prática os acontecimentos se apresentavam e se representavam de formas diversas e adversas.

-
- 1 Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. *Coleção de leis imperiais*, 30/06/1874.
 - 2 Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Ofícios Diversos ao Presidente da Província, 1878.
 - 3 Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Correspondência do Ministério da Agricultura ao Presidente da Província, 1878.

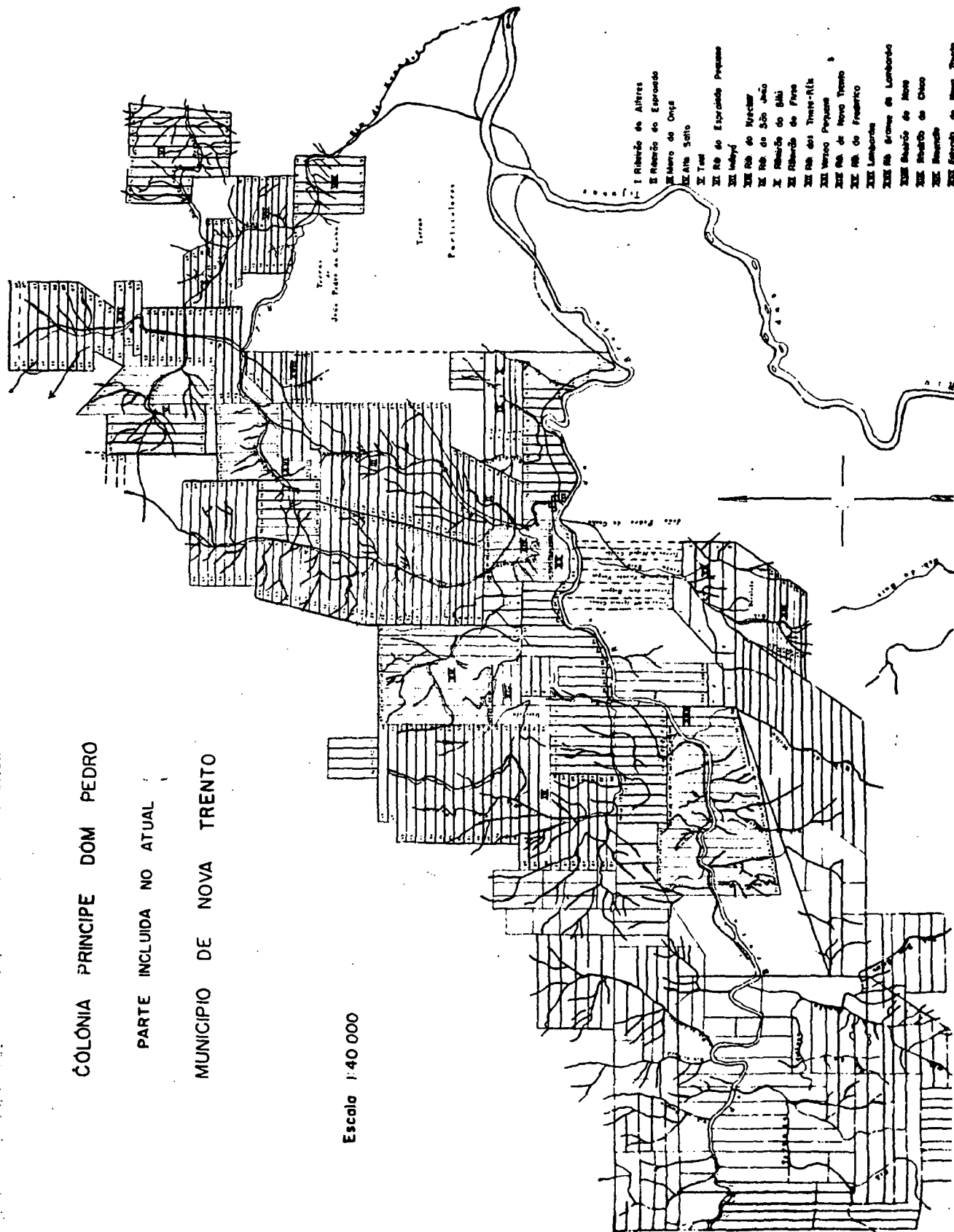
Os colonos nem sempre se enquadravam nas exigências do contrato e o governo não cumpria com as promessas feitas. Em Nova Trento, há quinze anos de colonização, em 1890, os colonos em abaixo-assinado ao Presidente da Província reclamavam as condições em que se encontravam:

*"Cumpre-nos primeiramente comunicar-vos que o chefe da comissão Reginaldo Candido da Silva, nos fez por ocasião de nossa chegada no Rio de Janeiro, promessas que não foram realizadas. Ele prometeu-nos que em Nova Trento, numa boa situação que nos destinaria, receberíamos um lote com sua respectiva casa provisória para cada família, e entretanto, nós encontramos apenas dois barracões insuficientes para agasalhar o pessoal que aí se achava, e o que foi causa de muitas doenças e algumas mortes. Até hoje não recebemos nem casa, nem subsídios para construí-las. Nos prometeu mais que chegados à colônia nos daria para cada família, 15 dias de trabalho nos caminhos a construir-se a 2.000 réis por dia e não recebemos que a metade do prometido jornal e além disto não nos pagou dois meses de serviço feito na sua ausência (julho 1889 e março 1890) por ordem de seu ajudante Mesquita. Prometeu-nos que mandaria construir uma atafona para moer nosso milho e entretanto temos que percorrer mais de 10 quilômetros para ir a mais próxima atafona. Ponderai-vos agora se com 15.000 réis mensais se podia sustentar uma família, devendo comprar os gêneros alimentícios tão caros como forão no ano findo. A maior parte de nós se acha, atualmente na vil condição de ir mendigando pelas portas dos colonos mais abastados, condição que não experimentaram na Itália"*⁴.

A distribuição e demarcação de terras eram feitas a partir da configuração dos rios, como se pode ver no mapa anexo na página seguinte. Neste mapa os número em algarismos romanos indicam as chamadas linhas, que, em ordem crescente, foram sendo ocupadas

4 Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Ofícios Diversos ao Presidente da Província, 1890.

Fonte: PIAZZA, Walter Fernando. Nova Trento. Florianópolis, 1950.



conforme iam chegando os colonos. Todavia, o abaixo-assinado mostra que nem sempre os imigrantes tinham como se estabelecer nas suas terras.

Num recenseamento do distrito colonial de Nova Trento, ainda em 1890, as profissões registradas confirma que a maioria dos colonos, provavelmente do sexo masculino, eram agricultores(852), mas tinham, segundo o documento, pedreiros(10), negociantes(17), guarda/polícia(4), alfaiates(3), carpinteiros(11), sapateiros(10), maritmos(2), padres(4), oleiros(5), professores públicos (2), coqueiros(2), agência(8), tanoeiros(1), padeiros(1), carreiros(1) e ferreiros(5)⁵. É bom lembrar que nesta mesma data, não haviam só imigrantes italianos em Nova Trento. Embora eles fossem a maior parte, havia também núcleos de colonização alemã e polonesa⁶.

No que diz respeito à religiosidade dos colonos italianos, a historiografia frequentemente tem relacionado a uma herança religiosa caracterizada como teocrática, piedosa, fervorosa, ligada à Igreja Católica. São muitos os adjetivos que tentam afirmar uma cultura religiosa que se explica pela origem italiana.

Renzo Grosselli diz que o "sonho" da sociedade na Itália era transformá-la inteiramente em "sociedade teocrática", como era a sociedade camponesa do interior. Pois, "*centenas de anos de história tinham criado uma osmose entre classe camponia e Igreja*". Os

5 Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Ofícios Subdelegado para Palácio do Governo, 1891.

6 Sobre as "ondas emigratórias", ver: PIAZZA, W.F. *Nova Trento*. Florianópolis, 1950. p. 22-23.

vigários eram filhos de camponeses e também os representavam⁷.

Carlos Albino Zagonel refere-se as práticas piedosas na Itália:

*"Mantinhm ainda a piedade simples e ingênua de uma população rural aglomerada em torno das igrejas paroquias onde cultuavam suas devoções mariais e ouviam a pregação do sacerdote"*⁸.

Alésio Berri fala deste "berço" aonde o catolicismo "florescia":

*"A Itália, conhecida como terra dos papas e o centro de irradiação do cristianismo, bem como o trentino, formavam regiões onde o catolicismo florescia com toda sua força e pujança. Para os católicos italianos de então, toda sua vida se orientava na fé cristã"*⁹.

Rovilio Costa trata do aspecto protetor e organizado que a Igreja italiana assumia:

*"Os imigrantes italianos, em sua terra natal, eram protegidos pelos párocos. Tinham igrejas organizadas, com coral, orquestra, local de encontro"*¹⁰.

Arlindo Battistel acentua a questão da moral trazida pelos imigrantes:

7 GROSSELLI, R. *Vencer ou morrer*. Florianópolis: UFSC, 1987. p. 451

8 ZAGONEL, C.A. *Igreja e imigração italiana*. Porto Alegre: EST, 1975. p. 47. Apud BERRI, Alésio. *A Igreja na Colonização italiana no Médio Vale do Itajaí*. Blumenau: Fund. Casa Dr. Blumenau, 1988. p. 17.

9 BERRI, A. Op. cit. p. 15.

10 COSTA, R. *Imigração italiana: vida, costumes e tradições*. Porto Alegre: EST, 1986. p. 92-93.

*"A moral do imigrante italiano e seus descendentes era forte, rígida e bem estruturada, devido a formação recebida na Itália"*¹¹.

Todos os autores citados são unânimes na referência ao italiano como provido de uma fé católica traduzida em cultos, obras, orações, vocações e devoções ligadas à Igreja Católica.

A construção de uma cultura religiosa em Nova Trento não prescinde desta tradição italiana ressaltada na historiografia. Mas, esta construção, no entanto, não se explica tão somente pela "herança religiosa". O cotidiano dos imigrantes mostra que há conflitos. A religiosidade não se mantém pela herança mas também pelo trabalho apostólico dos padres e pela reinvenção de práticas em outro contexto.

Se na Itália os padres estavam integrados à vida do camponês, em Nova Trento, como em outras colônias do Sul do Brasil, os colonos ficaram desprovidos do atendimento contínuo do sacerdote nos primeiros anos de colonização. Os padres não vieram junto com os italianos, embora, em alguns casos, apoiassem a imigração¹². Padre

11 BATTISTEL, A.I. *Colônia italiana - religião e costumes*. Porto Alegre: EST, 1981. p.90.

12 *"Quando os países americanos franquearam suas portas à emigração européia, principalmente aos lugares de maior crise social, alguns sacerdotes emprestaram seu apoio aos agentes de emigração, aconselhando a seus paroquianos ainda indecisos, a emigrarem para a América, onde existiam terras férteis em grande quantidade. Era a solução mais adequada que lhes parecia, naquele momento, para as massas se libertarem da miséria em que jaziam"*. (BERRI, Aléssio. *A Igreja na Colonização Italiana - no Médio Vale do Itajaí*. Blumenau: Fundação Casa de Blumenau, 1988, p. 20). Berri faz referência a outros autores que citam exemplos de padres induzindo italianos a emigrarem em busca do "Novo Mundo". Ver: BATTISTEL, Arlindo. & COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos*. 1º-Vol. p. 188 / FINARDI, José E. *Colonização Italiana de Ascurra*, p. 18.

Ganarini, que eventualmente visitava Nova Trento, confirma que os padres celebravam missas, sacramentos e faziam atendimentos espirituais (bençãos, confissões, aconselhamentos) duas a três vezes ao ano¹³.

O sacristão vai aparecer em meio aos colonos como um substituto do padre. É ele quem assume a tarefa de congregar a comunidade para orações, leituras e reflexões bíblicas, bençãos, etc. As capelas sem padre, mas com sacristão, vão sendo construídas. Mesmo depois de estabelecidos os jesuítas em Nova Trento, em 1879, o sacristão continuava tendo um papel fundamental na condução das práticas religiosas, pois as dificuldades físicas impossibilitavam o atendimento dos padres à todas as localidades.

Saindo do centro da cidade ou das localidades mais próximas deste, a visita do sacerdote se escasseava. As estradas resumiam-se em picadas, geralmente, nas quais se passava a cavalo. Os padres quando saíam para missionar no interior, temiam a resistência do cavalo, ataques de animais e, nos primeiros anos, os índios, e ainda às vezes, o mau tempo. Os superiores jesuítas aconselhavam aos padres para que fossem sempre acompanhados, por prevenção¹⁴. O sacerdote levava horas a cavalo para chegar a determinada localidade. Lá chegando, em geral, ficava dois, três dias. Era preciso

13 GANARINI, Pe. Arcangelo. *Impressões de viagem*. Apud PIAZZA, W.F. *Nova Trento*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950, p. 147.

14 Os provinciais visitavam a residência de Nova Trento umas duas vezes ao ano. Assuntavam-se da situação da missão e deixavam as prescrições registradas nos "*Memoriali e Ordenazioni dei Superiori*". Arquivo da Paróquia de Nova Trento.

tempo para atender a comunidade e preparar-se para o retorno.

Em outras colônias italianas, o que estou denominando sacristão, foi tratado também como "padre-leigo"¹⁵, ou ainda, "capelães-leigos"¹⁶. Sacristão foi a denominação mais frequente encontrada na documentação referente à Nova Trento por mim pesquisada.

Em alguns lugares, o sacristão exercia uma liderança tal, que resultava em conflito quando chegavam os padres. Em Garibaldi, no Rio Grande do Sul, por exemplo, o Frei Bernadin D'Apremont relata sua chegada entre os italianos de lá, em 1898. Diz que trouxeram-lhe uma bacia de água dizendo-lhe estar benta. O frei, então, despejou a água pela janela e mandou que trouxessem-lhe mais para ele benzer "mesmo". Embora fosse atendido, o frei foi julgado como profanador, orgulhoso e desnecessário por aquela comunidade. Arlindo Battistel, quem coletou esta pérola de relato, é também um franciscano. No olhar dele, a narrativa está entre "casos extravagantes" relacionados aos "padres-leigos", pois a maioria era "boa gente"¹⁷.

A história contada pelo Frei D'Apremont, chegou aos ouvidos do bispo, que por sua vez apoiou o padre e reforçou sua atitude dizendo que se fosse ele teria jogado também a bacia com a água junto. As palavras do bispo davam crédito a atitude do sacerdote,

15 "Padre leigo é uma expressão usada pela primeira vez pelo Frei Bernadin D'Apremont, um dos fundadores da Missão dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul, chegando em Garibaldi com seus companheiros em 1898, para atender as Colônias Italianas do Nordeste do Rio Grande do Sul". (BATTISTEL, Arlindo. op. cit. p.68.).

16 Em meio aos italianos de Rodeio e Rio dos Cedros. Ver: BERRI, Alésio. op. cit. p. 56-59.

17 BATTISTEL, A.I. Op. cit. p. 68-69.

ao mesmo tempo que contrariava aquelas pessoas de Garibaldi. Elas se sentiram agredidas, humilhadas, desrespeitadas nas suas crenças. Acreditavam na benção do sacristão. Na falta do padre ordenado pela Igreja, o "padre" deles era depositário de poderes sacerdotais, por aclamação da comunidade, e isto era sagrado para eles.

Os "padres-leigos", tipo "boa gente", dos quais fala Battistel, eram aqueles que não criavam problemas junto aos franciscanos-figuras congregadoras, mas não geradoras de conflitos.

Conflitos entre franciscanos e colônias italianas não aconteceram só no Rio Grande do Sul. Norberto Dallabrida diz que na região do Médio Vale do Itajaí Açú o clero franciscano alemão sofreu intensa resistência por parte de algumas comunidades¹⁸. Em Ascurra, por exemplo, por volta de 1895, houve divergências quanto ao local de construção da nova capela disputada por aqueles que queriam que fosse dedicada a Santo Ambrósio e outros que queriam dedicá-la à Sagrada Família, incluindo os franciscanos. Vencendo o segundo grupo, criou-se um clima de animosidade entre as partes.

Este conflito com relação à mudança de padroeiros de novas capelas com a instalação dos padres, aconteceu também em Nova Trento. A primeira capela construída na sede da colônia era dedicada a São Vigílio, feita de tabique e coberta de palha. Foi demolida em 1883 e em 1886 foi inaugurada aquela que serviu de matriz, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, construída ao lado da residência dos jesuitas, os quais dedicaram grande empenho para tal

18 DALLABRIDA, Norberto. *A Sombra do campanário: o catolicismo romanizador na área de colonização italiana no Médio Vale do Itajaí Açú (1892-1918)*. Florianópolis: UFSC, 1993. Dissertação de Mestrado. p. 170-236.

realizaçã^o. Em 1940, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus foi demolida para construção da nova matriz, em proporções maiores, inaugurada em 1942, tendo como padroeiro São Virgílio.

Apesar de toda promoção dos padres à devoção do Sagrado Coração de Jesus, São Virgílio nunca foi abandonado. A confusão entre Vigílio e Virgílio parece ser mero trocadilho de palavras. É provável que Vigílio virou Virgílio devido à influência dos padres alemães na cidade a partir de 1914. São Virgílio¹⁹, embora atuante na região da atual Alemanha, no século VIII, era irlandês, foi bispo de Salzburgo, fundou vários mosteiros e trabalhou em prol da maior penetração do cristianismo. São Vigílio²⁰, por sua vez, foi o primeiro bispo de Trento, viveu no século V, foi martirizado por suas insistentes pregações para conversão dos pagãos ao cristianismo. São Vigílio, que virou Virgílio em Nova Trento, é comemorado até hoje com festa e devoção.

Sobre Nova Trento não encontrei situações registradas envolvendo desentendimento entre padre, sacristão e comunidade embora provavelmente existiram como nas entrelinhas do caso acima citado. Todavia, é importante ressaltar o papel do sacristão na construção de práticas religiosas adaptadas à época e às condições locais. O papel social assumido pelos padres-leigos ou sacristãos exigiu acomodações, adaptações que nem sempre foram fáceis e ora foram conflitivas.

Nas capelas o sacristão zelava pela conservação do espaço e

19 CONTI, Servílio. *O Santo do Dia*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 531-532.

20 Ibidem. p. 276-277.

dirigia as cerimônias(cultos, terços, etc). Era ele escolhido entre as pessoas mais cultas: sabia ler, possuía um missal e, geralmente, era do sexo masculino, embora haja lembranças de antigas moradoras da cidade de, pelo menos, uma sacrista²¹.

O sacristão, diferente do padre, atuava em conjunto com sua família, dividindo as tarefas: a mulher na catequese, os filhos na limpeza e na organização de festas para arrecadar recursos para aumentos ou reformas na capela.

Indayá, uma localidade de Nova Trento, serve-nos de exemplo para mostrar como o sacristão se destacava entre famílias de grande representatividade na vida religiosa e participativa das comunidades.

No livro de "*Crônicas da Capela de Indayá*", encontrou-se uma lista de "*Sócios da Capela*", são 42 nomes de homens. Entre eles, sete são da família Moresco, sendo que Herminio Moresco é citado como "chefe-mor". Tais informações fazem-me pensar que esta família exercia grande influência sobre a comunidade e existia, nas atividades ligadas à Igreja, uma cooparticipação familiar. Num outro momento do livro, é citada uma missa celebrada com a ajuda de

21 Renzo Grosselli entrevistou, em 1983, Isaura Maffezzolli Cucco e Agata Zandonai Puel. A primeira falava da "velha Conti" como sacristã e a segunda falava de uma "betta Slossera". Sem dar mais informações sobre estas pessoas citadas como sacristãs, ele conclui que podem ser uma única pessoa. GROSSELLI, Renzo. Op. cit. p.452.

22 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. *Livro de Crônicas da Capela do Indayá*. Dez/1932. p. 7.

Domingos Moresco. Este tinha seguido a vida religiosa junto à Congregação dos Irmãos Maristas. O padre, quem escreve no livro, cita-o como substituto, momentaneamente, de seu pai, o sacristão Hermínio Moresco. Novamente reafirma-se a forte atuação dos Moresco nas atividades ligadas à capela²²: sacristão, sócios da capela e catequista.

A reunião na capela para o terço dirigido pelo sacristão aos domingos, envolvia oração e motivação para a descontração das domingueiras à tarde, constituindo um espaço de sociabilidades. Nas dependências da capela, um tocava, outro cantava, quem quisesse dançava. Era um baile familiar, comunitário. É o retrato que Dona Adélia deixa escapar em suas reminiscências dos domingos no Indayá. Ela diz que seu pai só deixava ir se fosse acompanhada, de preferência com o irmão, para garantir a proteção e o controle da filha²³.

As visitas esporádicas do padre à comunidade, criava uma sociabilidade que fugia aos rigores da Igreja. Os padres censuravam danças e festas profanas. Dona Adélia conta que o padre ia pouco no Indayá: em agosto(Festa de São Bom Jesus), outubro(Festa do Anjo da Guarda) e, eventualmente, mais uma ou duas vezes no ano. Nestas visitas, se fosse no dia do padroeiro da localidade (não só Indayá), transformavam-se em dia de festa. Tinha missa cantada, procissão, benção do Santíssimo, novena. Além de confissões e benções às casas.

23 Adélia Peixe não é de família italiana, mas viveu no meio dos ítalo-brasileiros e casou-se, aos 26 anos, com um deles - Francisco Demonti foi seu marido. (concedeu-me entrevista no dia 22 de março de 1994, com 85 anos de idade).

Estas festas sob a égide da Igreja representada pelo padre aconteciam a partir da presença jesuítica na cidade.

A Companhia de Jesus estabeleceu residência em Nova Trento a partir de 1879. Até então, os imigrantes eram atendidos esporadicamente pelo pároco Alberto Gattone (apesar do sobrenome italiano, era alemão) e seu Coadjutor, Padre Arcangelo Ganarini. Eles atendiam toda a Paróquia de São Luiz de Brusque, a qual compreendia Nova Trento.

O jesuíta João Maria Cybeo, mesmo antes de fixar residência na cidade (1880 a 1925), já conhecia os colonos italianos. Recebeu-os no porto de Itajaí, em 1875, quando de lá iriam para Nova Trento. Em 1876, esteve missionando entre eles. Padre Cybeo mostrava-se empenhado em conseguir convencer seu superior, em Roma, da importância de estabelecer uma Missão Romana Jesuíta em meio aos italianos de Nova Trento. Dizia que este era o "vivo desejo que todos têm"²⁴. Para justificar-se contava ao seu superior que era muito grande a devoção e participação religiosa destes colonos:

*"Já pregamos em 12 capelas, ou seja, cabanas de madeira e ramos; onde 200, onde 400, onde mais de 600 confissões, como ultimamente em Nova Trento, numerosas primeiras comunhões, devotas procissões, missas cantadas e doentes em grande número que tiveram a consolação de receber os Sacramentos"*²⁵.

24 Carta do Padre Giovanni M. Cybeo ao Padre Pietro Beckz: 24 de junho de 1878. Orig. Arquivo Jesuíta em Roma. Apud MADRE PAULINA - Biografia Comentada. p. 70.

25 Idem.

Havia uma preocupação por parte da Igreja em investir nas regiões de colonização européia, especialmente italiana. O fato dos imigrantes terem uma tradição religiosa vinculada à estrutura da Igreja, servia de argumento para implantação, nas colônias, de um projeto romanizador católico aos moldes europeus²⁶.

A Igreja buscava viabilizar reformas em sua estrutura hierárquica e devocional, de uma forma vertical, de cima para baixo e de Roma até os fiéis. Este processo de romanização baseava-se na valorização dos sacramentos, respeito à hierarquia clerical e práticas devocionais restritas. Valorizavam-se as devoções à Nossa Senhora, ao Sagrado Coração de Jesus e São José. No caso da Companhia de Jesus, promovia-se a devoção a Santo Inácio de Loyola e São Luiz Gonzaga. Buscava-se fortalecer a instituição católica, já que o processo de separação Igreja-Estado estava se consumando com a instalação do sistema republicano.

As Ordens Religiosas, especialmente franciscana e jesuíta, atuaram neste momento como agentes romanizadores. As Ordens possuem sua hierarquia própria. Devem obedecer as determinações do superior da província, o provincial. Ele é quem ordena transferências, faz visitas às residências determinando procedimentos a serem tomados pelos seus súditos. Contudo, as Ordens Religiosas, como os Seculares, devem se submeter à hierarquia eclesiástica.

26 Alguns historiadores chamam de projeto de Restauração Católica, entre eles Lúcio Kreutz, define a Restauração como a reação da Igreja Católica contra o movimento liberal europeu, a partir da segunda metade do século XIX. Tal movimento gerou perdas para a Igreja, que precisou reafirmar-se através da renovação e ampliação dos quadros internos. (KREUTZ, Lucio. O professor paroquial. Florianópolis: UFSC; Porto Alegre: UFRGS. Caxias do Sul: EDUCS, 1991, p. 25-27).

Até 1914, os padres jesuítas de Santa Catarina, sediados em Florianópolis e Nova Trento, pertenciam à Província Romana do Rio de Janeiro. Os padres eram, em maioria, italianos. Depois, a Companhia, de Santa Catarina, passou a pertencer a Província Jesuíta do Rio Grande do Sul, que, por sua vez era de maioria germânica. Isto explica a entrada de padres alemães a partir de 1914, em Nova Trento.

Não encontrei registros de problemas de não aceitação na comunidade por causa de questões ligadas a origem étnica dos padres. Como a cidade possuía núcleos de colonização alemã e polonesa, os padres alemães vieram atender também, esses núcleos com maior facilidade de comunicação.

É bom lembrar, ainda, que a Companhia de Jesus foi fundada em 1540, quando o Renascimento revisava os valores cristãos e a Reforma Protestante vinha rompendo a unidade católica, impondo novas forças à Igreja Católica. Era preciso ganhar fiéis em novos territórios - os jesuítas vieram para a América. Inácio de Loyola, fundador da congregação, soube sistematizar as bases da Companhia, resumidas em: disciplina, polivalência(formação eclética para que pudessem atuar nas diversas áreas do conhecimento), versatilidade e mobilidade para que pudessem atuar em qualquer parte do mundo como "homens do Papa", romanistas fervorosos. Tudo isso embutido no lema: "*Ad maiorem Dei Gloriam*"(Para a maior Glória de Deus)²⁷. Este lema acompanhava a Companhia em suas missões.

27 MARTIN, Malachi. *Os jesuítas: a Companhia de Jesus e a traição a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

No Brasil, os jesuítas estiveram presentes desde o período colonial, com exceção da época em que foram obrigados a se ausentar do país por determinação do governo português²⁸. Dedicaram-se principalmente a catequização dos índios, tornando-os mais dóceis e passíveis ao processo civilizatório promovido pelos europeus.

Esta função civilizadora dos jesuítas com relação ao índio era lembrada pelo padre Ganarini, em 1900, quando relatava com pesar o genocídio de colonos em Nova Trento pelos, então chamados, bugres. No entender do padre, fatos como este poderiam ter sido evitados pela via da evangelização, promovidas pelos jesuítas, se não fosse interrompida por Pombal.

*"Chegando ao planalto, vi os restos de uma casa abandonada e uma cruz plantada perto da estrada. Era o sinal de que naquele lugar, cinco anos antes, a flecha mortífera de um índio matara uma pobre polonesa. Um sentimento de piedade pela infeliz confrangeu-me o coração e quase que amaldiçoei Pombal que, com a perseguição movida contra os antigos jesuítas, é o único culpado de que haja ainda no Brasil homens em estado selvagem"*²⁹.

Historicamente a Companhia de Jesus teve significativa atuação nos momentos em que a Igreja estabelecia novas táticas de evangelização e reafirmação de sua força. A questão posta para o momento em estudo, porém, não era a civilizatória, mas a produtiva e moral, dentro do perfil desejado, como já foi dito, de imigrantes laboriosos e moralizados.

28 HOORNAERT, Eduardo. "A evangelização do Brasil durante a primeira época colonial". In: *História da Igreja no Brasil*. Tomo II. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1992. p.21-152.

29 GANARINI, Padre Arcangelo. *Impressões de viagem*. Apud PIAZZA, W.F. Op. cit. p. 146.

A Igreja Católica, instituição atuante junto às colônias, passava também por um momento de organização e implantação do catolicismo romanizado. Neste sentido estavam sendo criados novos bispados que se desdobravam em dioceses, paróquias e curatos. Esta organização visava facilitar o controle e dar uniformidade ao processo de romanização que se acelerava após a separação Igreja-Estado com a implantação da República.

De 1892 a 1908, o Estado de Santa Catarina juntamente com o Paraná, tinha seu bispado com sede em Curitiba, sufragâneo ao arcebispado do Rio de Janeiro. A partir de 1908, Santa Catarina teve seu bispado, representado por Dom João Becker, sede em Florianópolis, passando a pertencer ao arcebispado de São Paulo. Dom João Becker foi nomeado arcebispo da Província do Rio Grande do Sul, criada em 1910. Até 1914, quando foi eleito novo bispo para Santa Catarina, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, o bispado esteve sufragâneo à Província eclesiástica gaúcha, retomando, então, sua dependência ao arcebispado de São Paulo³⁰. Em 1927, o bispado de Santa Catarina foi elevado a arcebispado³¹.

Não obstante à organização hierárquica local era preciso manter o clero coeso dentro do ideário ultramontano. Portanto realizavam-se retiros espirituais, conferências eclesiásticas e circulação de periódicos que forneciam informações necessárias à prática pastoral³².

30 CABRAL, Oswaldo. R. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1987. p. 288.

31 PIAZZA, Walter F.; HUBENER, Laura. *Santa Catarina: história da gente*. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

32 SERPA, Elio C. *Igreja, elites dirigentes e catolicismo popular em Desterro/Florianópolis, Laguna e Lages (1889-1920)*. São Paulo: USP, 1993. Tese de Doutorado. p. 134.

Neste sentido, a apropriação de imagens e representações que viessem ao encontro da ordem estabelecida pela Igreja ou pelo Estado, tornava-se fundamental. Como diz Baczko:

*"(...) o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum"*³³.

Existia um imaginário religioso baseado nas devoções particulares e no respeito a autoridade da Igreja. Mas estava sendo inserido também uma proposta de reformulações doutrinárias sob o controle dos jesuitas (representando esta Igreja romanizada em Nova Trento) que visava dar uma uniformidade religiosa.

Esta tentativa de uniformizar práticas e devoções religiosas, seja onde fosse, exigia da Igreja uma estratégia de ação. Esta *"apelava para utilização e manipulação do imaginário como forma de se legitimar junto ao poder constituído"*³⁴, diz Elio Cantalício Serpa, analisando as festas de empossamento dos bispos em Santa Catarina.

Ao mesmo tempo que havia este ritual envolvendo pompa e festa, para ressaltar a autoridade hierarquicamente constituída na Igreja, havia também permanências e resistências de uma religiosidade dita popular. No caso de Nova Trento, pudemos perceber isto

33 BACZKO, Bronislawo. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi - Imprensa Oficial - Casa da Moeda. Lisboa, 1985. p. 332.

34 SERPA, E. C. Op. cit. p. 65.

ao analisar a organização comunitária para seleção do sacristão e manutenção de capelas.

O sacristão, embora fosse uma pessoa da comunidade não se pode dizer que fosse um representante, ou porta-voz, desta religiosidade popular. Ele precisava, também, ter um bom relacionamento com o padre, com a Igreja. Por isso, como diria Peter Burke, é difícil estabelecer fronteiras entre culturas do povo e das elites, pois estas não se constituem enquanto blocos homogêneos³⁵.

O chamado catolicismo popular vem sempre identificado ao culto familiar, às devoções particulares, às benzeduras, etc³⁶. Em contrapartida há um "catolicismo clerical", utilizando a expressão de Riolando Azzi³⁷, centrado na valorização da hierarquia e no sacramentalismo da Igreja Católica, a vertente romanizada.

Penso não ser pertinente fazer uma separação categórica entre "popular" e "clerical". Pois, embora os ítalo-brasileiros sejam frequentemente relacionados a esta imagem de clericalismo, eles podem ser vistos também nesta "corda bamba", com características de um e de outro.

35 BURKE, P. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 20-25.

36 Entre alguns autores que tratam desta questão, ver: SUSS, Gunter Paulo. *Catolicismo popular no Brasil - tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1979.

FRAGOSO, Frei Hugo e BROD, Pe. Benno. "Manifestação espiritual na Igreja hierárquica e no povo". In: *História da Igreja no Brasil*. Tomo II/2. Petrópolis: Vozes. São Paulo : Paulinas, p.217-248.

SERPA, Élio Cantalício. op. cit.

37 AZZI, R. *A Igreja e os migrantes*. Vol. I. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 124.

O caso do sacristão mostra que a clivagem cultural, criada no cotidiano, abarca o popular e o clerical, e o transforma em nova prática religiosa. Tal clivagem permite a iniciativa popular, baseada na tradição, ao mesmo tempo que incorpora novos elementos ou exigências da Igreja romanizada.

Outro exemplo disso, são as práticas religiosas em torno dos capitéis particulares. Simples colunas coroadas com uma imagem do santo devoto, de Nossa Senhora ou Jesus Cristo. Uns maiores, outros menores. Muito ou pouco adornados. Algumas vezes transformavam-se em capelinhas ou oratórios. Nem sempre tais iniciativas agradavam os padres, mas muitas vezes, o santo homenageado nos capitéis podia revelar o resultado da insistência dos jesuitas em certas devoções.

Nesta história narrada pela Irmã Gaudência Motter, pode-se observar tais relações. A Irmã pertence à Congregação das Irmãzinhas da cidade, tem 43 anos e fala da sua vivência vigorosa em Major Gercino(município limitrofe), onde seus pais, de Nova Trento, foram morar:

"Na frente de nossa casa, em Major, havia um oratóriozinho do Sagrado Coração de Jesus. A nossa casa ficava numa colinazinha e nessa colinazinha meu pai fez um oratório pro Coração de Jesus e depois fechou, botou vidro e colocou o Coração de Jesus lá dentro, ninguém podia mexer e em volta fez uma cerquinha provisoriamente. E todo ano no aniversário do Coração de Jesus, dia 22 de junho, tinha novena, então aquilo era uma festança, tinha aquela novena de nove dias, tinha quermesse..."³⁸.

A construção de oratórios, como este citado, era uma forma de homenagear e/ou agradecer graças recebidas ou, ainda, de demonstrar uma devoção particular. Os capitéis eram construídos próximos às casas ou beirando estradas, geralmente em lugares de maior visibilidade ou de destaque. Cuidava-se para proteger a imagem e o próprio capitel da ação destruidora do tempo (sujeiras, chuva, etc). A imagem era sempre acompanhada de decoração, parte que frequentemente cabia às mulheres: flores e toalhinha. Nos momentos de oração era costume acender velas.

Os capitéis eram lugares de oração individual ou coletiva. Todavia, nem todos serviam de motivos de festa, como no caso citado. Havia um interesse do Sr. Luiz Motter, pai da Irmã, de transformar um oratoriozinho em capela. Então, a quermesse era também uma forma de arrecadar recursos para esta empreitada.

A devoção do Sr. Luiz era ao Sagrado Coração de Jesus. Por sua vez, esta é uma devoção da Igreja romanizada, que aposta na grandeza da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) no combate às devoções "menores". O Sagrado Coração era o padroeiro dos apostolados. E o Apostolado da Oração foi instituído em Nova Trento pelos jesuítas.

Enaltecer o Sagrado Coração de Jesus era um ato digno de um bom cristão, na concepção de Igreja oficial. Mas "festas, novenas, peditórios" em "capelinhas" significavam "abusos", pois "queriam rivalizar" com as capelas, registrava o padre³⁹. Estas práticas

39 Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis. *Livro Tombo - Nova Trento*, 28/07/1927.

populares fugiam, de certa forma, ao controle dos padres, comprometendo a ação homogeneizadora da Igreja romanizada. O Sínodo Diocesano de 1910, que determinava diretrizes para a ação apostólica com relação às "egrejas e capellas", proibia a construção destas sem licença e provisão da autoridade diocesana para constituição do Conselho de Fábrica presidido pelo pároco. Consequentemente, proibia-se eleições populares para constituição de conselho⁴⁰.

A representação das práticas relativas aos capitéis, bem como aos sacristãos, são interpretadas de formas diferenciadas por padres ou pela comunidade. O que não as tornam excludentes, embora também possam convergir. É o trabalho de análise da representação que "*constrói um sentido*" para a história, como ressalta Roger Chartier ao explicar como a história cultural deve ser entendida⁴¹.

As práticas religiosas analisadas são também representações de uma relação com o sagrado e com a Igreja. São constituídas de sentido, entendidos em seu tempo e espaço. A imagem construída do imigrante laborioso, moralizado e fervoroso que se explica pela bagagem cultural trazida da Itália, também é uma representação.

É bem verdade que os italianos vieram de um país que passou pela Idade Média e tem toda uma tradição religiosa ligada à Igreja Católica. A Itália que deixaram vivia, na época, a efervescência do conflito entre liberais e clericais que obrigava a Igreja Cató-

40 BECKER, João. Bispo. Synodo Diocesano, 1910. p. 103.

41 CHARTIER, R. *A história cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 27.

lica a criar estratégias simbólicas, discursivas e práticas para se manter enquanto instituição forte. Renzo Grosselli resume muito bem estas estratégias da Igreja.

*"A Igreja Católica (...) estava no centro de um ataque concêntrico de liberais e anárquicos, socialistas ou somente progressistas. Isto foi consequência, em parte, das mesmas respostas que lhe dera a este desafio e que podem ser resumidas no 'Syllabus Errorum' e no Concílio Vaticano I e que estabelecendo a infalibilidade dos Papas fechava-se na defesa mais extrema de todos os dogmas e as verdades reveladas, etiquetando com blasfêmias e here-sias tudo quanto de novo o século XIX trouxera consigo, igualando liberalismo e comunismo, livre pensamento e anarquia. Não era somente uma defesa de princípios próprios, mas também de privilégios conquistados na época medieval e que o capitalismo, com a nova sociedade que estava organizando em torno de si, não podia tolerar e não tolerou"*⁴².

Mas é verdade também que todas as estratégias da Igreja não deixava os colonos isentos às descrenças, oposições à Igreja, ou mesmo ao livre arbítrio de criar formas de se relacionar com o sobrenatural.

Havia uma inegável tradição que, por sua vez, não formava um bloco homogêneo, e nas colônias, houve um trabalho intenso por parte das Ordens Religiosas no sentido de capturar o imaginário religioso para afirmar o projeto restaurador da Igreja romanizada. Tal projeto justifica este tipo de preocupação:

*"Os que devem ser mais compadecidos são os jovens e meninos pelos quais... têm-se tudo para temer pelo futuro, isto é, que não se transformem como tantos outros, aqui, em cristãos indiferentes, ignorantes, dados aos vícios"*⁴³.

42 GROSSELLI, R. Op. cit. p. 38

43 Carta do P. Giovanni M. Cybeo ao P. Pietro Beckz, Prepósito Geral da Comp. de Jesus: 24/06/1878. Orig. Arquivo Jesuíta em Roma. Apud MADRE PAULINA - Biografia Comentada, p. 70.

A importância do estabelecimento dos padres estava no investimento para formação e organização da Colônia. Padre Ganarini, por exemplo, ao escrever sobre o desespero dos colonos devido à suspensão das subvenções do governo para eles, coloca a importância dos jesuítas ali se estabelecerem. Diz que a presença fixa dos padres "*foi a salvação material e moral*" dos colonos, se não estavam entregues "*à dissipação e ao mau vizo de querer servir a dois senhores, do modo que a fé e a piedade avoenga iam cada vez mais esfriando*"⁴⁴.

A fala dos padres transparece uma preocupação com a manutenção da fé pela via da Igreja estabelecida. Contudo, este modelo institucional não anulou a tradição popular religiosa. Ambos conviveram, experimentaram-se, divergiram-se e concordaram na defesa de seus interesses. Ora assimilando coisas de um ou de outra, ora repetindo ou criando algo novo. Não se pode falar de uma continuidade natural a estabelecer um vínculo direto com o passado na Itália, como também não se pode falar de uma ação romanizadora sem lidar com as experiências, as quais constituem o campo onde se desenvolvem as relações de poder, dominação e resistência num processo de construção cultural.

44 GANARINI, Padre Arcangelo. *Impressões de Viagem*. Apud PIAZZA, Walter F. Op. cit. p. 147.

A SACRALIZAÇÃO DO COTIDIANO: FAMÍLIA, ASSOCIAÇÕES, PRODUÇÃO DA EXISTÊNCIA E FESTAS

Na antiga Grécia, um astuto governante de Eféra(Corinto), chamado Sísifo, presenciou o rapto de Egina por Zeus. Para revelar o nome do autor do rapto ao pai da moça, Sísifo pediu uma recompensa ao deus-rio: uma fonte para satisfazer Corinto. Quando Zeus foi informado de tal fato, enviou Tânato, a Morte, àquele mortal. Sísifo desafiou a Morte e recebeu o castigo eterno, próprio daqueles que desobedecessem os deuses. Carregar uma pedra enorme até o cume de uma montanha era a punição. Mas, impulsionada pelo peso, a pedra sempre rola para baixo, resultando numa tarefa interminável.

O cotidiano é uma pedra, conclui Jane Bodnar ao analisar o mito de Sísifo¹. Os sonhos estão lá no cume, são eles que alimentam as energias para levar a pedra. Todo dia tem-se de carregá-la. A pedra aparentemente imutável, vai ficando impregnada de chuva, vento, poeira, flores, suor. Tudo se junta à pedra para moldar esta história de todo dia.

Então, o cotidiano que à primeira vista se repete todos os dias, vai também se modificando, adquirindo novos elementos com o tempo. Em Nova Trento, por exemplo, a vida cotidiana construiu uma cultura religiosa na tensa fusão entre o que as pessoas eram, como viviam na Itália, e como passaram a ser e viver nesta cidade.

Esta construção cultural dá-se no cotidiano. É possível perceber isto através dos depoimentos, testemunhos vivos da história, e da documentação escrita abordada. O "cotidiano por inteiro",

1 BODNAR, Jane Sprenger. *A pedra de Sísifo*. Nicolau, Curitiba, mai-jun/1994.

utilizando uma expressão de Maria Bernardete Flores, é permeado por vários aspectos de múltiplas relações, envolvendo o lúdico, o trabalho e o religioso². Profano e sagrado se confundem.

Na intenção de dar visibilidade a este cotidiano, entro nos espaços onde pessoas experimentaram suas expectativas, reproduziram o velho, criaram o novo - se fizeram. Nas relações de convivência envolvendo família, trabalho, escola e Igreja, é que o cotidiano se repete e se modifica.

Agnes Heller afirma que não há vida cotidiana sem imitação, como também não há sem espontaneidade, pois todas as formas que se absolutizam possibilitam a alienação³. Portanto, no cotidiano encontramos conflitos. Estes não aparecem em forma de luta armada ou de discursos elaborados por um líder ou grupo. Aparecem nas expressões do dia-a-dia: determinadas falas, palavras, críticas, comportamentos. A vida privada, extrapolando o espaço familiar, se confunde na vida pública dos espaços de trabalho, da rua, da Igreja. Os cenários e palcos deste história são envoltos pela sacralidade.

A história do cotidiano esbarra na dificuldade das fontes. A documentação escrita, de instituições religiosas ou civis, não prioriza detalhes, trata de fatos numa forma genérica, imprecisa, parcial. É a voz do padre, do letrado, que aparece nesta documentação. As vozes emudecidas precisam ser recuperadas. Ao historia-

2 FLORES, M.B.R. *Entre a casa e a rua...Memória feminina das festas açorianas*. Inédito.

3 HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 36-37.

dor é dada a tarefa de recapturá-las através do depoimento, da memória. "*Há verdades que são gravadas na memória das pessoas mais velhas e em nenhum outro lugar; eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar*"⁴.

Por isso, ao analisar o cotidiano como expressão também do sagrado, são fundamentais neste capítulo os depoimentos de Dona Maricota, da Irmã Gaudência, da Dona Adélia e das irmãs Sartori⁵. Estas mulheres neo-trentinas são como uma "*janela para o mundo*" na metáfora utilizada por Raphael Samuel. Embora não ofereçam a compreensão da totalidade, a qual talvez não se possa jamais alcançar, são testemunhos vivos da história vivida com detalhes, com sentimentos: alegrias, tristezas, desafios, decepções, surpresas, medos. A memória das mulheres entrevistadas mostra como elas circulam entre a esfera privada(família, casamento, filhos) e pública (trabalho, festas, atividades relacionadas à Igreja). Embora essas mulheres não tenham alcançado o auge do período analisado, são portadoras da formação que se estabeleceu.

Os sinais sagrados para a vivência católica aparecem já no início da vida. Nos primeiros dias de vida a criança devia ser batizada. Dona Maricota conta que quando teve os filhos não podia deixar nem passar o resguardo(de quarenta dias). Ela levou para batizar um dos filhos depois dos quarenta dias. O padre disse:

4 SAMUEL, Raphael. *História Local e história oral*. In: Revista Brasileira de História. 19. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, set/89-fev/90. p. 230.

5 Nome das entrevistadas	idade	data da entrevista
Maria L.V.de Oliveira(Dona Maricota)	87	13/05/94
Gaudência Motter(Irmã)	71	22/08/93
Henriqueta e Josefina Sartori(irmãs)	78 e 75	02/09/93
Adélia Peixe	85	22/03/94

"tem que confessar". O ato era julgado pecaminoso. Na explicação da entrevistada, quando uma criança nasce, Deus quer muito "colocar a mão nela", mas não pode - só depois de batizada. É através do batismo que a pessoa recebe, mesmo sem entender ou escolher, o sinal de pertencente àquela comunidade católica. A partir do batizado a criança torna-se filho de Deus, livre do "pecado venial"⁶, lembra Dona Maricota. Se alguma doença viesse abater a criança, Deus a acolheria e os pais poderiam se conformar e até ficar felizes. Se caso os pais faltassem, o batismo teria determinado quem se responsabilizaria pela criação e educação dos filhos: os padrinhos.

O depoimento de Dona Maricota mostra a transgressão às leis da Igreja por não ter levado o filho para batizar antes. Os padres eram rigorosos ao exigir o cumprimento dos sacramentos, entre os quais o batismo é o primeiro. Ela não pensava ter pecado por isso, mas o padre mandou-a confessar. A imagem do Deus protetor e salvador da criança batizada faz Dona Maricota concordar com o padre. O Sacramento, então, pode ser visto como uma imposição desta Igreja romanizada que valoriza e cobra o cumprimento dos seus rituais. Porém, o batismo aparece também como um apoio, um alento para a família da criança que acredita na imagem do Deus-pai-protetor e que encontra no padrinho uma certa segurança material. O imaginário, então, se funda e se sustenta nas necessidades e anseios da

6 Pecado Venial, segundo o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* (118º-ed. Petrópolis: Vozes, 1979) seria uma desobediência leve às leis de Deus. Creio que Dona Maricota quis falar do "pecado original", aquele cometido por Adão e Eva ao desobedecer Deus no Paraíso. O pecado original, na doutrina cristã, é o estigma que acompanha o ser humano por herança.

vida real.

As orações acompanhavam o crescimento da criança. Cedo aprendiam a fazer o sinal da cruz, repetir palavras de uma oração mesmo sem entendê-las. Irmã Gaudência, conta que desde bebê sua mãe fazia orações noturnas junto aos filhos e os abençoava. Esta é uma imagem que povoa sua memória. Conclui: *"se minha mãe fazia assim com meus irmãozinhos, também fazia comigo"*. A repetição, o fazer todos os dias, gravou na memória da Irmã este retrato da infância. O terço também fazia parte do cotidiano das famílias. Conta a Irmã:

"Quando a criança começava a falar, ela(a mãe) botava de joelho na cozinha e dizia em italiano, assim, perguntava quem eram as Três Pessoas e os filhos tinham que responder: Pai, Filho e Espírito Santo. Depois rezávamos todas aquelas orações italianas: Ave-Maria, Creio em Deus-Pai, Salve Rainha, tudo em italiano(...) toda noite tinha que rezar o terço e, ainda, rezávamos, depois de acabar o terço, as ladainhas de Nossa Senhora. Depois rezávamos uma Ave-Maria e um Pai-Nosso para todos os falecidos recentes, os pais, os irmãos e todas as pessoas que pediam orações. (...)As vezes ela começava a rezar e a gente sentava na cadeira e dormia, quando acordava a mãe já estava longe com a reza e nós ficávamos dormindo embrulhados na cadeira. Eu sei dizer sem receio que ela rezava e ninguém ia para a cama, todos tinham que rezar o terço com ela".

A prática da oração em família determinava papéis e assumia uma relação de poder. A mulher conduzia e impunha tal tarefa diariamente, ela quem "puxava" as orações. Sem rezar ninguém podia dormir. A própria oração está relacionada a uma imagem de família: Deus-Pai, Jesus-Filho, Nossa Senhora-Mãe. O modelo celeste de família era sempre lembrado. A disciplina da oração, de todos os

dias, num determinado horário, não deixava que as pessoas esquecessem e, de certa forma, a incorporasse. O momento da oração era também de lembrar das pessoas do círculo de convivência: da própria família, da vizinhança ou outros, mesmos depois de falecidos. A oração no final do dia, fechava a obrigação do dever cumprido cotidianamente para com Deus e com a sociedade. Afinal, as regras de bem viver, estabelecidas socialmente, reservavam a noite para recolhimento, oração e descanso.

Os sacramentos faziam parte da vida das pessoas, desde o nascimento até a morte: batismo, primeira comunhão, crisma, casamento ou ordenação, comunhão e unção do enfermos, embora nem todos tenham sido por mim abordados. Os sete sacramentos marcavam etapas da vida ou estavam sempre presentes dando uma dimensão de tempo não só ordinária, mas também sagrada. No entender de Mircea Eliade, o sentido do tempo sagrado é reversível, sempre reatualizado com origem num passado mítico⁷. Contudo, não há uma divisão entre tempo ordinário e extraordinário. As dimensões do tempo são marcadas pela sazonalidade, maturidade, sacramentos e festas.

A primeira comunhão marcava a entrada numa fase mais madura. Funcionava como um marco de passagem da infância para a adolescência, quando a pessoa já sabia ler e entender o que lhe era ensinado, embora a idade não fosse precisa. Do século XIII ao XVI, muito se discutiu sobre quando a criança deveria fazer a Primeira Comunhão, acreditavam os bispos que isto deveria acontecer na idade do

7 ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 59-60.

"discernimento"⁸. Embora no século XIX, este sacramento fosse realizado por volta dos doze anos, a discussão parece permanecer . Em Nova Trento, muitas crianças fizeram sua primeira comunhão a partir dos oito anos de idade. Devido à formação religiosa que as crianças recebiam em casa, o trabalho dos catequistas era reduzido. Passando na avaliação do padre, era o que bastava para receber o sacramento.

A Primeira Comunhão era acompanhada de todo um ritual - era um dia de festa para os neo-comungantes e suas famílias. Confissão, roupas e adereços eram preparados anteriormente. No dia: a missa e o grande momento da comunhão. A fotografia, registrando a celebração deste instante sagrado, não poderia faltar. Depois da missa era oferecido um lanche para quem tinha acabado de receber o sacramento. Em casa, o almoço especial em família e padrinhos dava continuidade ao dia de festa. Todo este clima de alegria suscitava nas outras crianças o desejo de chegar a este dia. A imagem do sacramento, apesar da seriedade e importância dada pela Igreja ao momento da transfiguração do corpo e sangue de Cristo em pão e vinho comungados, é também uma imagem festiva e atraente, significativa como passagem para a idade do "discernimento" e relação mais próxima com o sagrado através do rito da comunhão e outros signos.

A partir da Primeira Comunhão, ou às vezes antes dela, as meninas ou moças podiam ingressar na Pia União das Filhas de Maria e os meninos ou rapazes podiam ser congregados de São Luiz ou

8 MARTIN-FUGIER, Anne. "Os ritos da vida privada burguesa". In: PERROT, M. (org.). *História da vida privada*. Vol.4. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.251-254.

"Luigini". Mais tarde esses últimos dariam lugar aos congregados marianos.

Nos depoimentos que ouvi, alguns referem-se aos congregados, mas sem clareza de como se organizavam. Em 1893, nos "*Memoriais e Ordenação dos Superiores*", há referências aos "Luigini" ou congregados de São Luiz Gonzaga. Sabe-se que era uma associação de rapazes solteiros, pois São Luiz Gonzaga era a imagem ideal de pureza e castidade a ser seguida. Diz a história que Luiz Gonzaga era de uma família nobre italiana, do século XVI. Teria ele deixado a vida nobre, oferecido sua virgindade a Nossa Senhora e ingressado aos nove anos na Companhia de Jesus. Com 23 anos, Luiz morreu contaminado pelos doentes dos quais tratava em Roma⁹. Tornou-se, então, símbolo de dedicação e virtude jovial.

Num domingo, 17 de maio de 1935, o "*Livro dos Avisos*" da paróquia de Nova Trento registra que dali há uma semana haveria "reunião dos congregacionistas de São Luiz". Anuncia também que a partir daquela data começavam os "seis domingos de São Luiz" - o "padroeiro da juventude". No final do período, dia do santo, se procedia a benção e cremação das cartas. O padre convidava os jovens a "*conscrever inocência e conhecer a vontade de Deus acerca da escolha do estado de vida*".

Dona Maricota, substanciando esta simbologia, conta que nestas cartas os jovens faziam pedidos à São Luiz e no dia do santo o padre procedia a cremação. Ao queimar as cartas, o sacerdote dizia: "*assim como a fumaça sobe, sobem os pedidos para o céu*".

9 CONTI, Dom Servílio(I.M.C.). *O santo do dia*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 267.

Esta prática representava a relação de troca de favores estabelecida com o sagrado. No sistema de imaginário daqueles jovens e da Dona Maricota, a representação material (as cartas, a fumaça) era a forma de estabelecer o contato entre os devotos e o santo no céu.

Os congregados se reuniam sob direção dos padres da paróquia, jesuítas. Foram jesuítas os fundadores desta associação desde quando chegaram na cidade. A divulgação da devoção a São Luiz Gonzaga é própria da Companhia de Jesus. Apesar de toda dedicação, desde os primeiros anos, as reclamações dos superiores jesuítas com os congregados era frequente. Os resultados não eram muito satisfatórios para eles. Falavam, em 1893:

*"A Congregação dos Luigini, deve ser amadurecida, para ser feita e sustentada com qualquer resultado"*¹⁰.

Em 1905, precavam:

*"É necessário haver mais cuidado com os jovens, como se tem com as Filhas de Maria"*¹¹.

Não encontrei registros explícitos de casos que revelassem imaturidade ou falta de cuidado, como falam os padres. Todavia, volta e meia, aparecem indícios na documentação desta pesquisa de que os homens eram um tanto arredios à participação de atividades religiosas ligadas à Igreja, ao contrário das mulheres.

10 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. *Memoriali e Ordenazioni dei Superiori*. Em italiano. Tradução minha.

11 Idem.

Numa missa, em 1935, por exemplo, o padre chamou a atenção de homens que ficavam na praça e só entravam na igreja na hora da comunhão. Concluía o padre que para estes "a Santa Comunhão não será mais distribuída tão cedo"¹². Também a Resenha Eclesiástica de 1913, mostra que a falta dos homens preocupa as paróquias. Sugerem-se artifícios para conquistá-los, como convites pessoais por escrito para participarem do Apostolado da Oração. Além de se perceber um insistente discurso sobre a regeneração do homem pela vida participativa da Igreja. Assim, evitavam-se "escândalos" e "questões domésticas"¹³.

As práticas religiosas determinavam papéis diferentes para homens e mulheres. Numa sociedade onde prezava-se pela "conservação" das "donzelas", puras e castas, havia uma preocupação maior em manter associações religiosas femininas, como a Pia União Filhas de Maria. A Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, nascida desta Pia União, conservava a ligação entre ambas. As Irmãs auxiliavam nos retiros, presidiam e secretariavam reuniões. Muitas Filhas de Maria eram aspirantes da Congregação.

Uma Filha de Maria digna de sua medalha devia ter comportamento exemplar para os parâmetros estabelecidos: ter espírito de devoção, ser humilde, zelosa e obediente. O padre recomendava o vestuário: o lenço na cabeça, vestidos aos pés, manga longa e "pescoço coberto para freiar a moda sempre mais ridícula e perigo-

12 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. Livro de avisos. 8 de junho de 1935.

13 RESENHA ECLESIASTICA. Orgão Oficial da Diocese de Florianópolis. n. 9 e 11. 1913.

sa das donzelas"¹⁴. Assim deveriam se vestir as Filhas de Maria para as missas. Se "aparecesse a canela", dizem as irmãs Sartori, já era motivo de repreensão. A imagem de recato das donzelas representada pelo vestuário e pelo comportamento, as deixavam imunes às "coisas do mundo".

Leila Algranti, ao abordar a imagem ideal da donzela no Brasil colonial, diz que "o código moral da honra feminina era tão importante e dependia tanto das impressões causadas nos outros, que a mulher honrada era aquela que não causava impressão alguma, posto que não era vista"¹⁵. Sendo recatadas evitariam desejos sexuais e pensamentos "pecaminosos".

As associadas que violassem as regras da associação eram punidas. Dançar era um ato infame, se realmente confirmado resultava em repreensão ou expulsão¹⁶. Diziam ser um "grave escândalo", uma "impenitência". A música que não fosse sacra era expressão demoníaca, não própria às donzelas.

Mas se tantas repreensões ou expulsões foram registradas, é sinal que a observância destas regras não eram feitas "ao pé da letra". Havia uma diversidade nos itinerários de vida.

Muitas associadas seguiam a vida religiosa no convento das Irmãzinhas, na cidade. Tornavam-se aspirantes, depois noviças até

14 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. *Atas das Reuniões do Conselho da Pia União das Filhas de Maria*. 24 jul. 1921.

15 ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993. p.117.

16 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. *Atas das Reuniões do Conselho da Pia União das Filhas de Maria*. 15/08/1922; 23/09/1923; 1926; 1927; 1928.

chegar a Irmãs. Para cada etapa faziam-se os votos, selando o compromisso assumido. Em outubro de 1905, negou-se o voto à várias moças:

"(...)a Rosalia Dalprá porque é muito viva, pouco quieta na igreja(...); a Maria Andregghettoni porque é pouco quieta na igreja, de língua longa e facilmente responde a avó, a mãe, aos irmãos; a Maria Voltolini e Stedile Agnese por ler muito pela estrada, etc.; a Asselina Tolomeotti porque responde a avó, as tias e diz palavras feias; a Maria Dalprá, porém se deu o voto, mas pelas novas informações dadas pelos pais não poderá ser admitida: é muito brava em casa; (...)a Madalena Lunardelli porque é muito caprichosa e raivosa; a Maria Dalri porque raras vezes frequenta a reunião"¹⁷.

Apesar das oito moças citadas que não receberam o voto, dezenove foram admitidas no noviciado. Ao observar os motivos pelos quais foram negados os votos para as aspirantes Filhas de Maria, nota-se que eram moças dinâmicas: faladeiras, briguentas, impulsivas. Se for somado estas àquelas que dançavam, ter-se-á moças alegres, festivas, comunicativas. Diferente daquele perfil de moça recatada, obediente e fervorosa.

As Irmãs cobravam das associadas um comportamento semelhante ao da vida monástica e nem sempre as Filhas de Maria optavam por esta. Muitas casavam-se ou ficavam celibatárias sem estar vinculadas a uma congregação.

Percebe-se, então, que apesar de todo controle social, tanto na família como nas associações, também as moças, como os rapazes, fugiam, muitas vezes, daquele ideal religioso católico de condu-

17 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. *Atas das Reuniões do Conselho da Pia Filhas de Maria.*

tas. A Igreja exercia uma relação de poder na condução das associações determinando o quê e como fazer. Todavia as pessoas também inventavam suas próprias formas de fazer e de ser. Mesmo repreendidas não deixavam de ser devotas ou obedientes, como também não se anulavam perante a autoridade.

Além das associações específicas de rapazes e de moças existiam as associações mistas: a Ordem Terceira de São Francisco¹⁸ e o Apostolado da Oração. Em geral compostas por adultos, casados ou não.

A Ordem Terceira, foi fundada em 1886, por quinze pessoas que receberam a ordem pelo Padre Giuseppe Jacobs, pároco de Blumenau. Por orientação do Comissário Geral Apostólico dos Padres Capuchinhos no Brasil, o jesuíta, Padre Servanzi, pároco de Nova Trento, recebeu a faculdade de estabelecer nesta cidade a Ordem Terceira. Em 1888, foram eleitos: ministro, "discreti"(conselheiros) e "discrete"(conselheiras).

Assim como as Filhas de Maria, a Ordem Terceira também foi assumida pelas congregações religiosas. Conselheiros, conselheiras e secretárias, eram cargos frequentemente ocupados por Irmãs, Irmãos e Noviços (da congregação masculina do Santíssimo Coração de Jesus). Ou, ainda, leigos engajados nas atividades da Igreja ocupavam lideranças, como era o caso dos sacristãos.

Da Ordem Terceira sabe-se que faziam reuniões mensais presi-

¹⁸ As informações sobre esta associação foram retiradas do livro "*Ordem Terceira Secular de São Francisco de Assis - Deliberações e Diário* - 4 de outubro de 1886 a 4 de janeiro de 1920" Arquivo da Paróquia de Nova Trento. Em italiano. Tradução minha.

didas pelo padre da casa. Faziam as festas de São Francisco, no primeiro ou segundo domingo de outubro, com missa e comunhão geral, precedida de tríduo e exercícios espirituais. As poucas informações que se encontraram no livro de "deliberações e diário" desta associação, vão até 1920. Depois, até 1945, não se tem nenhum registro. De 1945 a 1947, o livro era utilizado apenas para controle de presença dos associados.

Talvez por ser uma associação vinculada aos franciscanos, ela não tenha tido uma grande expressão em meio aos jesuitas. Os exercícios espirituais, criado por Inacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, foi incorporado pela associação franciscana. Raramente os franciscanos passavam em visita a Nova Trento. Então, a associação foi recebendo um direcionamento mais jesuíta que franciscano. Talvez seja este um dos fatores que levou ao desaparecimento da Ordem Terceira na cidade.

Já o Apostolado da Oração contou com a iniciativa e o incremento dos padres jesuitas. Eles fundaram o Apostolado em 1887, em Nova Trento. Considera-se o mais antigo Apostolado da Oração de Santa Catarina. Pois, embora em 1851, o Apostolado tivesse tido início em Desterro(atual Florianópolis) com os jesuitas espanhóis, só durou dois anos devido ao fechamento do colégio e moradia dos Jesuitas naquela cidade, voltando a funcionar somente em 1895¹⁹.

19 As informações sobre criação e início do Apostolado da Oração foram pesquisadas no livrinho *Centenário do Apostolado da Oração de Nova Trento - 1887 a 1987*. Tal publicação acompanha a celebração comemorativa. A organização foi do Padre Benno Brod, SJ, então padre da paróquia de Nova Trento. Outras informações foram possíveis junto às entrevistadas apostoladas: Dona Maricota e Henriqueta Sartori.

O Apostolado da Oração tem como padroeiro o Sagrado Coração de Jesus, devoção amplamente promovida pelos jesuítas. Em 1881, o Superior da Companhia lembrava:

*"Para impedir o perigo de decadência do espírito religioso recomendo de modo particular:(...) a frequência aos sacramentos, promovidas com oportunas celebrações de festas com mais associações próprias da Companhia, especialmente aquela do Sagrado Coração"*²⁰.

Os apostolados também se reuniam sob direção do padre. Entre eles, escolhiam-se os zeladores(aqueles que cuidavam das celebrações, distribuíam folhetos dos associados). Eram, também, responsáveis pelo zelo da igreja(limpeza, organização e decoração). A preocupação primeira desta associação era com a prática das orações. Toda sexta-feira era dia de dedicar orações ao Coração de Jesus e a primeira sexta de cada mês, os apostolados tinham sua missa. Era comum aos associados ter um quadro do Sagrado Coração de Jesus em sua casa, em geral, acompanhado por outro de Nossa Senhora. Os quadros de Santo em casa, revelam que o espaço de adoração e oração não eram somente reservados à igreja, mas também e especialmente às casas.

"A primeira hora do dia é para a oração", conta Dona Maricotta, apostolada desde 1938. Segundo ela, os afazeres do dia não permitem uma reserva sossegada para rezar - "Vem um, vem outro e não dá" - completa.

20 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. *Memoriali e Ordenazioni dei Superiori*. Em italiano. Tradução minha.

Na imagem do Sagrado Coração de Jesus, vê-se um Cristo jovem, bonito, mas sofredor, aponta o coração sangrando. O sofrimento de Jesus faz lembrar que para se ter uma compensação(o paraíso celeste) é preciso sofrer. Afinal, no catolicismo, Cristo foi quem veio salvar o mundo do pecado. Para alcançar a salvação era preciso saber sofrer como Ele. Era preciso oração. O Apostolado era concebido pelos padres, como "*o principal meio de santificação*"²¹ dos leigos.

As associações religiosas preenchiam parte do tempo das pessoas da cidade. Cada faixa etária voltava-se para um compromisso religioso: sacramentos e associações.

Os padres jesuitas de Nova Trento cumpriam seu papel como agentes romanizadores. Sobre o papel do clero, fala Pedro Oliveira, ao colocar os "*Pontos de Reforma na Igreja do Brasil*", de Dom Macedo Costa, então arcebispo da Bahia, em 1890. Diz que existe uma determinação para que os padres assumam fundação e direção de obras pias. Este ponto, sobre o clero, salienta a eliminação dos "abusos"(nas cerimônias e vestes), ampliação e dedicação às atividades pastorais, além do estímulo ao estudo da moral e promoção dos exercícios espirituais²². A execução do projeto romanizador aparentemente bem sucedido em Nova Trento, também encontrava conflitos: dinamismo das mulheres, a falta de participação efetiva dos homens nas associações ou atividades ligadas à Igreja. Cabe

21 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. *Memoriali e Ordenazioni dei Superiori*. 1905. Em italiano. Tradução minha.

22 OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e Dominação de Classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 280-282.

salientar ainda a opção por uma vida casta, dedicada e devota, independente de congregação, como é o caso das irmãs Sartori e do velho Gercino.

As irmãs Sartori, Josefina e Henriqueta, nunca tiveram namorados. Viveram e vivem uma vida devotíssima. Não têm televisão em casa. No rádio ouvem com dificuldade a Aparecida, emissora católica de Aparecida do Norte. Vestem-se como as recatadas Filhas de Maria da década de 1920-30. Não perdem a missa de domingo, só em caso de doença. Josefina tentou seguir a vida religiosa na Congregação das Irmãzinhas. Por que não seguiu, perguntei. "Ah, não quis", respondeu sem mais explicação e com um silêncio.

Gercino Cipriani era uma figura um tanto excêntrica. Vivia como um eremita, sozinho em sua casa. Foi sapateiro e músico. Conta-se que teria ele sofrido um desgosto amoroso na juventude. A partir daí se isolou do mundo. Até a energia elétrica mandou cortar - dizia que o demônio passava pelos fios. Há cerca de dois anos, quando morreu com 78 anos de idade, tive contato com alguns materiais da casa, um sobrado colonial da família, que em seguida foi demolida. Entre seus objetos pessoais prestes a serem jogados no lixo, encontrei uma série de livrinhos de oração. Como quem monta um quebra-cabeças, tentei juntar os pedaços. Nenhum está inteiro, mas não deixam de ser preciosidades, até do século passado. São livrinhos de salmos, ordinários, vida de santo, além de santinhos e diplomas(o da Primeira Comunhão foi emoldurado).

Estas pessoas incomuns mostram que numa sociedade onde dominava o rigor do catolicismo romanizado, era possível ser diferente e fugir das regras estabelecidas. Como diz Maria Odila Dias, é na

"redescoberta dos papéis informais, de situações inéditas e atípicas, que justamente permitem a reconstituição de processos sociais fora do seu enquadramento normativo"²³.

Os processos sociais são constituídos, então, de conflitos, desenquadramentos, revelados nas relações cotidianas. O cotidiano pode ser visto enquanto historicidade, espaço de permanências e invenções.

Na vivência religiosa cotidiana entra também as relações de produção da existência - uma sacralização do trabalho. A população, de maioria camponesa, utilizava o imaginário religioso para auxiliar na obtenção de favores relacionados às plantações e criações de animais. Como nos exemplos seguintes:

*"belíssimo espetáculo(...) quando meninos e meninas vêm de toda a parte em procissão a fim de pedir rezando e cantando, a chuva necessária para o trabalho dos pais"*²⁴.

*"procissão de rogações para a capelinha de São José, perto da ponte, e missa lá para obter a bênção sobre a lavoura a pedido dos moradores do Frederico"*²⁵.

*"missa em Morro da Onça para obter a bênção de Deus sobre as colheitas"*²⁶.

23 DIAS, Maria Odila L. da S. *Teoria e métodos dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano*. In: COSTA, A. De O. & BRUSCHINI, Cristina(org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 40.

24 Arquivo da Província Jesuíta do Brasil Meridional. *Cartas Anuais*. 1929.

25 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. *Livro de avisos*. Maio de 1938.

26 Idem. Junho de 1938.

*"romaria a Santo Antônio do Salto para implorar pela intercessão de Santo Antônio a chuva tão necessária"*²⁷.

*"levaremos em procissão Santo Antônio para a sua capela, pois já nos obteve almejada chuva"*²⁸.

*"missa na Capelinha de São Roque contra a peste dos animais"*²⁹.

A chuva, a cura dos animais, deixam de ser manifestações puramente naturais, profanas, para ser sagradas. Mircea Eliade diz que desde as sociedades arcaicas, para as pessoas que têm uma experiência religiosa, toda a natureza pode revelar-se como sacralidade cômica. Acrescenta que a dessacralização do Cosmo é uma manifestação do homem moderno que assumiu uma existência profana³⁰. Portanto, as relações de produção confundem-se nas relações com o sagrado.

O cotidiano da produção da existência era também permeado pela diversão, pelo tempo das festas. No dizer de Bakhtin, *"as festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo"*, seja este natural (cômico), biológico e histórico³¹. Historicamente há uma relação sagrada que determina o tempo das festas e exprimem uma concepção do mundo.

27 Ibidem. Janeiro de 1939.

28 Idem.

29 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. Livro de avisos. Abril de 1939.

30 ELIADE, Mircea. op. cit. p. 15-17.

31 BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC/Ed. UnB, 1987. p. 8.

Desta forma, Páscoa, Corpus Christi, dia do padroeiro, sa_o festas acontecidas, impreterivelmente, todos os anos, nas datas determinadas e com suas características próprias. Pouco mudam. As festas religiosas representam o tempo sagrado.

A festa de Corpus Christi era a mais esperada e admirada. Ainda hoje as pessoas confirmam isto quando lembram dela, muitos vêm de outros municípios para participar e ver os "tapetes" confeccionados no cha_o onde passa a procissão. Em 1938, dizia o padre que era a "*procissão mais solene, mais importante, mais honrosa de todo o ano*"³².

A procissão era uma festa. Tinha toda uma organização que determinava papéis femininos e masculinos, infantis e adultos. Fazem parte do imaginário religioso: o sacrifício divino, o respeito à divindade, a ostentação, o requinte e alegria em apresentar o sagrado representado. Em geral, se lia a ordem da procissão antes da missa ou se fixava na porta da paróquia para que todos vissem. Os papéis sociais ficavam estabelecidos pela hierarquia na ordem da procissão. O padre carregando o ostensório e protegido pelo baldaquino era o primeiro a pisar no tapete confeccionado pelos participantes. Atrás vinham os outros.

Em 1925, era esta a ordem da procissão de Corpus Christi:

"1) Cruz, meninos, meninas, Filhas de Maria; 2) Homens, música, cantores; 3) Santíssimo; 4) Colégio das Irmãs e mulheres. Observações: 1) Não saiam as mulheres da praça antes de terem saído os homens; 2) Na procissão todos fiquem parados sem deixar o

32 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. Livro de avisos.

lugar; 3) Todos acompanhem o Santíssimo respeitosa-
mente e não fiquem parados nas esquinas". (grifo do
autor) ³³.

Em 1933, a ordem da procissão ficou diferente e, em 1935,
ainda era esta:

"1) Cruz; 2) Meninos(estandarte da doutrina); 3)
Moços(estandarte de Jesus); 5) Música e Cantores;
6) O SS.Sacramento precedido dos anjinhos que dei-
tam flores; 7) Filhas de Maria com seu estandarte;
8) Colégio das Irmãs; 9) Meninas com estandarte da
Santa Infância; 10) Senhoras com estandarte da Ter-
ceira Ordem"³⁴.

Percebe-se que a maior mudança nesta última ordem foi com re-
lação ao posicionamento das mulheres. Desde meninas são colocadas
atrás dos homens. A ordem era respeitada.

"Era bem organizadinha, em fila(...) o padre ia, ia
e olhava um pouquinho de lado para ver se tava bem
certinha. Agora não gosto mais de ir na procissão,
não tem mais aquela ordem. Agora é tudo junto, não
se entende mais nada".

Acima, Dona Adélia mostra como perdeu a referência com o ri-
to. Aquele "tempo sagrado", na visão da entrevistada, foi profana-
do, não representa mais para ela e para muitos de sua geração, a
reintegração no tempo mítico, do qual fala Eliade.

33 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. Livro de avisos. Junho de
1925.

34 idem. Junho de 1933.

A festa se espraiava pelo cotidiano e envolve a comunidade. A procissão não era feita só do seu momento. Era preciso prepará-la. A banda musical ocupava homens para ensaio e apresentação. Pessoas se responsabilizavam por decoração de igreja, ruas e altares (nos quais se faziam as paradas da procissão). As casas dos moradores da cidade eram enfeitadas e na hora da festa deveriam estar fechadas. Ninguém ficava assistindo, todos participavam. A festa era um momento de integração e oração, de assumir papéis de destaque ou de co-participação. Relações de poder eram também colocadas.

A semana santa era outro tempo sagrado. Envolvia uma programação de recolhimento, auto-penitência, reconhecimento das faltas. Um momento de revisão pessoal de condutas, de mortificação para remissão dos pecados lembrando os sacrifícios dos últimos momentos da vida de Jesus Cristo na terra. Era a semana das confissões. Para receber o Cristo transfigurado na comunhão da Páscoa, precisava-se estar com a alma purificada, livre dos pecados através do perdão e remissão. O perdão, como diz Delumeau referindo-se aos séculos XIII a XVIII, tem uma história. História conflitiva mostrando o confessionário como lugar do conforto espiritual e benevolência paterna, bem como da interiorização de responsabilidades e doenças do escrúpulo³⁵. A confissão e o perdão continuam com sua

35 DELUMEAU, Jean. *A confissão e o perdão*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 8-9.

historicidade. No espaço estudado, servem também enquanto controle social da Igreja sobre seus fiéis, entre as pessoas e do indivíduo que assumia culpa, arrependimento e penitência.

As comemorações ao santo padroeiro nas várias localidades da cidade, também eram motivos de festa. Geralmente ficavam ao encargo da comunidade, do capelão, em torno da respectiva capela. Ao padroeiro da matriz se fazia a grande festa de São Virgílio. Comidas, bebidas e a tômbola procediam a missa. Assim se fazia a festa. Motivo de oração, reunião e disputas.

O cotidiano ia se construindo. Uma mescla entre obrigação, devoção, criação, trabalho, divertimento. O sagrado se revela na criação de uma cultura religiosa. A vida pública e a privada se confundem e se representam pela via do sagrado.

ESCOLA: UM ESPAÇO RELIGIOSO E POLITICO

Perceber como se constitui a cultura religiosa romanizada em Nova Trento, tem sido a tônica desta dissertação. A escola entra neste cenário, também, como lugar de formação e criação da religião católica. O espaço escolar funde-se num misto de instrução, socialização e interesses sociais. Na escola aprende-se a ler, escrever e contar. Também a rezar, a obedecer e a disciplinar-se. Investir em educação era bandeira religiosa e política, ou seja, tanto padres quanto elites dirigentes locais se preocupavam ou tinham interesses na questão da instrução escolar. Instruir podia ser colaborar na formação de um bom católico, na vertente da Igreja, bem como uma oportunidade de formação da consciência nacional, na vertente liberal. Mas, apesar de interesses institucionais e de grupos, é no cotidiano das pessoas que as escolas ganham sentido e razão de existência.

A escola acompanha a história de Nova Trento desde quando era núcleo colonial pertencente à Colônia Itajaí-Príncipe Dom Pedro. Tem-se notícias da existência de uma casa "tapada ao redor de barro e coberta de folha de palha"¹ que servia de escola desde 1876. Também servia de espaço para missas nas eventuais visitas de padres até 1879, quando os jesuítas estabeleceram-se definitivamente na cidade. Vê-se então, como o espaço da escola se criou enquanto lugar de socialização, aprendizado e oração.

Numa sociedade formada basicamente por camponeses, não era muito fácil encontrar professor capacitado. O professor era aquele

1 - Memória de Luiz Borinelli. Apud PIAZZA, Walter F. *Nova Trento*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950. p. 160.

que se destacava entre os demais pela sua prestatividade e disposição em ensinar o que sabia e com o material que possuía.

Conforme o relatório anual do presidente da província, citado por Jonas Cadorin, em 1878, havia cinco escolas no distrito de Nova Trento². Essas escolas receberam recursos do governo provincial até 1881, quando do desmembramento de Brusque em relação à Colônia Itajaí Príncipe Dom Pedro³. Já Padre Ganarini fala de seis escolas mantidas pelo governo nesta época⁴. Cinco ou seis, com a emancipação da Colônia, essas escolas deixaram de funcionar. Até então o ensino era ministrado por pessoas da localidade, mais instruídas ou mais instrumentalizadas. O referido padre relata que as escolas possuíam bancos, cadeiras, mesa para professor, quadro negro e mapa mundi. Diz ainda que os missionários, a partir de 1879, dedicaram-se à educação religiosa de crianças e adultos do distrito. Ele propõe ao governo, devido às condições apresentadas, a obrigatoriedade do ensino e multa aos pais que não mandassem seus filhos à escola.

Contudo, independente da proposta do padre e da aceitação do governo, a Igreja fazia da educação escolar uma obrigação. Afinal, não se deveria admitir para a Primeira Comunhão aqueles que não estivessem "*bastante instruídos*", lembra Padre Ganarini.

O interesse da Igreja na educação formal passava pela instru-

2 CADORIN, Jonas. *Nova Trento, outra vez...* Nova Trento: Prefeitura Municipal, 1992. p. 123.

3 BOSO, Ivete M. *Entre passado e futuro: bilinguismo em uma comunidade trentino-brasileira*. Florianópolis: UFSC, 1991. Dissertação de Mestrado, p.84.

4 Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Correspondências dos Arciprestes e Vigários ao Presidente da Província, abril/1883.

ção religiosa. Ler e aprender a doutrina cristã era fundamental para receber a Primeira Eucaristia. Vida de santo, orações e outros textos católicos deveriam fazer parte da leitura dos alunos.

A Madre Paulina foi um exemplo entre aqueles que ansiavam conhecer o mundo letrado para poder alcançar o Sacramento da Comunhão. Amabile (antes de ser Irmã e Madre Paulina) prometeu nunca em sua vida fazer leituras profanas se conseguisse aprender a ler. E no dia de sua Primeira Comunhão estava lendo. Madre Paulina e sua Congregação, mais tarde, dedicaram-se também à educação formal nas escolas, em Nova Trento e em outras cidades, onde o interesse em expandir a "obra de Deus", que era também da Igreja, as acompanhava.

Desta forma a obrigatoriedade do ensino ficava estabelecida por parâmetros religiosos e não governamentais, embora, em alguns momentos, os interesses se confundissem. A escola era espaço de educação religiosa. Mesmo nas "escolas do governo", quando não estavam em conflito com a concepção educacional da Igreja, ensinava-se a doutrina. Monsenhor Francisco Topp, governador do bispado, escrevendo ao pároco de Nova Trento, deixou claro o interesse da Igreja no que se refere ao ensino da doutrina nas escolas, dizendo: "*(...) a questão do Ensino da doutrina cristã nos grupos e escolas do governo pode ser excelente e de grande alcance em várias paróquias e capelas por facilitar ao pároco o cumprimento de um de seus mais graves deveres*"⁵.

As tais escolas do governo começam a aparecer na cidade a

5 Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis. Livro Tombo. Nova Trento. 23/03/1919.

partir de 1885. Antes o governo provincial subsidiava iniciativas particulares. As escolas públicas do governo trazem ao cenário da história uma discussão sobre a própria concepção de escola. Laica ou religiosa? Como deve ser a escola para liberais e para a Igreja?

Henrique Carlos Boiteux, grande comerciante local, com título de coronel, era um liberal. Nesta vertente, ele aparece na historiografia como uma alavanca promissora para as escolas. Foi quem deu os "*primeiros passos sobre a instrução dos habitantes das plagas marginais do rio do Braço*" diz Walter Piazza⁶, como se antes nada tivesse sido feito. É o próprio Boiteux, em sua obra intitulada *Nova Trento*⁷, quem relata seu empenho neste projeto em favor da "instrução pública". Fala de seu pedido ao presidente da província, Gama Rosa, em visita a Nova Trento, no ano de 1883. Pediu subsídio para "*instrução primária na sede deste distrito*", pois, segundo ele, havia uma "*grande lacuna*" a ser preenchida neste sentido. O pedido foi atendido e o professor Antônio José de Oliveira, que "*havia aberto uma escola particular*", passou a receber auxílio pecuniário do governo. Tal auxílio foi suspenso pelo mesmo presidente que o concedeu, no ano seguinte "*sob o pretexto de existência de irregularidades na direção e funcionamento da referida escola*".

A partir de então, o Coronel Boiteux, conta em seu livro, que uniu-se a "*outros liberais do distrito*" em prol da criação de uma

6 - PIAZZA, W.F. op. cit. p. 75.

7 - BOITEUX, H.C. *Nova Trento*. Rio: Officina Industrial Graphica, 1929. p. 43-44.

"*Escola mista de ensino primário*". Em 1885, tal escola foi criada e teve como professora Ignez da Silva Castro Loba⁸. Ela veio removida de uma escola do Estreito, Florianópolis, em caráter vitalício.

O Coronel Boiteux, no mesmo ano, foi nomeado "Delegado Literário". Este era um cargo de confiança do presidente da Província e por ele mesmo nomeado. O delegado literário deveria inspecionar e fiscalizar o andamento das escolas, bem como o cumprimento do Regulamento da Instrução Pública.

Se a "*instrução pública*" estava iniciando-se em Nova Trento, em 1885, no Estado de Santa Catarina não diferia muito. Pois até 1890 o quadro da instrução pública no Estado era pouco expressivo. Um recenseamento escolar de 1890, mostra que de uma população escolar, entre 5 e 15 anos de idade, totalizando 53.915, apenas 5.833 estavam matriculados. E, dentre os matriculados nas escolas públicas estaduais, 8,23% frequentavam as aulas⁹.

O Estado Republicano não deveria subvencionar escolas religiosas, conforme ditava a Constituição de 1891. As escolas públicas, do governo, deveriam ser laicas, independentes de credos religiosos. A partir da instalação do novo regime, a preocupação do Estado com as escolas públicas torna-se crescente, bem como da Igreja.

A questão da "*instrução pública*" nas "*escolas do governo*" que aparece junto aos liberais, traz à tona a discussão sobre o público enquanto categoria.

8 Cf. HEERDT, Moacir. *As escolas paroquiais em Santa Catarina - 1889-1930*. Florianópolis: UFSC, 1992. Dissertação de Mestrado.

Jürgen Habermas⁹ diz que o significado de público/privado vai se tornar correntes a partir do século XVIII, com a sociedade burguesa, o Estado Moderno e o modo de produção capitalista. Para Habermas, "*a tarefa da esfera pública burguesa é a regulamentação da sociedade civil*"¹⁰.

Habermas está falando de uma burguesia em ascensão na Europa, derrubando a monarquia e consolidando o Estado Moderno. Parece um tanto ousado querer comparar à Nova Trento. Mas em Nova Trento, como em várias cidades brasileiras, do final do século passado e início deste, o ideal liberal crescia consolidado no discurso da formação de uma consciência nacional. Esta passava pelo aprendizado e respeito aos símbolos nacionais e à língua nacional. Os liberais de Nova Trento eram comerciantes, grandes proprietários de terras e/ou imóveis. Representavam uma parcela da elite local. Ocupavam cargos administrativos e políticos. Faziam acordos e alianças, quando possíveis, para regulamentar a sociedade civil. As escolas públicas são exemplos do empenho liberal.

Os liberais acreditavam que a consciência cívica, o patriotismo, passava pela proposta da escola pública e gratuita. O projeto político-pedagógico, do qual fala Maria Helena Capelato¹¹, estava idealizado, no Brasil da década de 20, como lugar de afirmação da ordem. Desta forma "*a instrução com ênfase no ensino da*

9 HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

10 Idem. p. 69.

11 CAPELATO, M.H. *Os arautos do liberalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 139-208.

moral e civismo, se configura como instrumento de controle social"¹². Acrescenta a autora que tal projeto "*defendia a persistência do Estado laico consolidado com a República*". E isto "*representava um golpe profundo para a Igreja, que assim perdia sua força política e o controle hegemônico da educação*"¹³. Ensino laico e confessional, então, disputavam espaços e determinavam relações de poder.

O conflito entre liberais e Igreja em Nova Trento tornou-se mais claro a partir da década de 1910. Escolas públicas e escolas confessionais, denominadas paroquiais, nesta década, existiam em igual número e sustentavam-se de formas independentes. Mas neste mesmo período, a falta de subsídio do governo italiano para as escolas paroquiais contribuiu para que o conflito se acirrasse.

Em 1910, Padre Cybeo, pároco local, escrevendo a uma publicação italiana, "*Italica Gens*", falava da existência de quatro escolas "*governativas*" e quatro "*paroquiais*". "*As governativas são naturalmente mantidas pelo governo brasileiro, as paroquiais pelo bispo; duas destas são dirigidas por freiras e duas por bons professores italianos*"¹⁴.

As escolas paroquiais recebiam subvenção do governo da Itália por conta do ensino da gramática italiana. Recebiam livros e dinheiro para pagar professores. Contudo, na época da primeira guerra mundial, esses subsídios foram suspensos. Os padres julgavam que a subvenção sacrificava a independência das escolas e determi-

¹² CAPELATO, M. H. Op. cit. p. 147-148.

¹³ Idem. p. 151.

¹⁴ Apud BOSO, Ivete M. Op. cit. p. 90.

navam um certo compromisso ideológico com aquele governo, declarado "*inimigo da Igreja e do Papa*"¹⁵. O liberalismo italiano opunha-se politicamente à Igreja, lá e aqui.

Uma das escolas paroquiais dirigidas por freiras, ficava na localidade do Salto. As freiras pertenciam à Congregação das Irmãs Catequistas de Rodeio. Esta Congregação, como a das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, foi criada e projetada a partir de regiões de colonização italiana. As Irmãs Catequistas se constituíram "*da necessidade de conseguir professoras que, além da boa cultura e dedicação, apresentassem formação verdadeiramente religiosa*"¹⁶. Receberam "*preparação intelectual e espiritual no convento das freiras em Rodeio*"¹⁷, das Irmãs da Divina Providência, estabelecidas na cidade desde 1905.

As Irmãs Catequistas, atendendo ao convite dos jesuítas de Nova Trento, assumiram, em 1917, a direção da Escola de Santo Antônio, recém-construída no Salto, onde permaneceram até 1941¹⁸. As Irmãzinhas da Imaculada Conceição, mais dedicadas à assistência aos doentes e catequese, não tiveram, a princípio, uma formação especificamente voltada às atividades escolares. A instrução escolar das Irmãzinhas era, em geral, básica ou primária. Padre Rochi, primeiro padre a lutar pela afirmação da Congregação, contratou o professor Virgílio Fantini, da escola pública, para lecionar

15 Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis. *Livro Tombo - Nova Trento*. 12/10/1910.

16 BERRI, Alésio. *A Igreja na colonização italiana*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988. p. 180.

17 BERRI, A. Op. cit. p. 181.

18 Arquivo da Província Jesuíta do Brasil Meridional. *História da casa*. 1944. p. 3.

para as Irmãs. Isto durou apenas três meses. Elas preferiram dedicar-se aos trabalhos manuais e comunitários¹⁹. Mais tarde, com a criação do noviciado e o crescimento da congregação, o empenho na formação escolar tornava-se necessária e obrigatória.

As Irmãs, tanto Catequistas quanto da Imaculada Conceição, tinham uma origem cultural italiana. Falavam a mesma língua. Trabalhando nas escolas paroquiais, tal como os professores italianos, citados pelo Padre Cybeo, tornavam-se alvos de identificação com uma cultura não reconhecida como nacional-brasileira. A língua corrente nestes estabelecimentos era a italiana, fosse gramatical(dos livros e dos padres italianos) ou o dialetal(fluyente na linguagem verbal dos moradores, os quais, em grande maioria, originários do Trentino, principalmente na sede do município).

A questão da língua era motivo frequente de perseguição política. Lembremos do ideário liberal baseado no nacionalismo. O relato seguinte, de 1918, revela que havia uma certa intriga entre Igreja e grupos políticos no que se refere ao encaminhamento da questão educacional e utilização da língua específica dos imigrantes oriundos de diferentes países.

*"O Pe. Oscar Zoller sem descanso por cinco anos, instituiu três escolas paroquiais e as comunhões gerais mensais. Aprendera a língua polaca, tão necessária. Por falsas interpretações de um grupo de malvados e influentes, teve de retirar-se de Nova Trento e foi ao Rio Grande"*²⁰.

19 Arquivo da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. *Histórico da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, 1875-1894*. p. 41.

20 Arquivo da Província Jesuíta do Brasil Meridional. *Cartas Anuais*. Tradução de Padre Zenno Etges.

Parece que para os padres, a princípio, a educação religiosa não passava pelo ensino da língua portuguesa, ao contrário, aprendiam a língua dos colonos para melhor se comunicar com eles. A cultura religiosa tinha uma ligação íntima com a linguagem usual cotidiana. Trocar a Madonna pela Nossa Senhora, por exemplo, passava por um processo de desconstrução, de assimilação e entendimento do novo.

A linguagem, que é social, está explícita no processo discursivo, argumenta Eni Orlandi. Como diz ela, o discurso não é mera transmissão de informação, mas "*efeito de sentido entre interlocutores*", os quais no seu contexto histórico-social "*constituem o sentido da sequência verbal produzida*". Completa: "*o sujeito que produz linguagem também está produzido nela*"²¹.

Romper o processo discursivo da linguagem verbal dos colonos era também um ato de dominação, de interferência no sentido do próprio discurso. O dialeto italiano, mais frequente na cidade, resistiu ao ideário liberal nas relações cotidianas mais íntimas: de família, de amizade, de afetividade. Ainda hoje, mesmo aqueles que não falam correntemente o dialeto, têm uma forma própria de falar o português. Um português quase que italianizado, com entonações do dialeto e palavras deste incorporadas ao português. É o tal efeito do "bilinguismo" do qual se preocupou Ivete Boso na sua Dissertação de Mestrado²². Então, a linguagem não deixa de ser uma forma de identificação cultural, ora atendendo imposições e neces-

21 ORLANDI, Eni Pucinelli. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987. p. 26.

22 BOSO, I. Op. cit.

sidades colocadas historicamente, ora reportando ao passado, às tradições.

Na década de trinta, a utilização pública da língua italiana estava sendo frequentemente controlada e politicamente discutida. A Igreja continuava, na medida do possível, utilizando o italiano ou outras línguas conforme os diferentes núcleos de colonização. Em 1932, um relatório anual mostra isto.

*"Em certos domingos o único padre presente deve falar quatro vezes na igreja. O sermão na primeira missa é feito em italiano, na segunda em português. Nas outras capelas deve-se falar também alemão e polonês(...) Alguns nativistas luso-brasileiros, numa capela distante, causaram perturbação contra o Pe. José Von Lasberg por causa do uso do alemão, acusando-o junto ao chefe de polícia e o arcebispo. De modo semelhante, Pe. José da Poian foi denunciado junto ao arcebispo por causa da preferência pelo italiano na igreja matriz e foi repreendido por ele, porque todos conheceriam suficientemente o português. Por isso, falar italiano é favorecer o fascismo"*²³.

A utilização de línguas que não fosse a portuguesa estava caracterizada como uma forma de segregação social. A língua italiana era vinculada a política autoritária de Mussolini. Em 1938, este conflito persistia.

*"Pregar o italiano não é proibido nem pela lei eclesiásticas nem pela lei civil. A Igreja predica as verdades divinas nas diversas línguas conforme a necessidade espiritual do povo. Sobre a conveniência e necessidade julga a autoridade eclesiástica"*²⁴.

23 Arquivo da Província Jesuíta do Brasil Meridional. *Cartas anuais*. p. 3.

24 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. *Livro de Avisos*. Agosto de 1938.

A política da nacionalização atingia toda a sociedade. Igreja e escolas estavam sempre sujeitas a críticas e repreensões, enquanto resistiam e se adaptavam.

Ainda na década de trinta os problemas relacionados à utilização da língua estavam presentes mesmo nas escolas públicas. É o caso da visita do Inspetor Escolar Wongenfuck, um tipo de Secretário da Educação, em 1933, à escola municipal do Morro da Onça, localidade próxima ao centro da cidade. Acompanhado do então Delegado Literário, Hypolito Boiteux(filho do Henrique), o Inspetor fez algumas constatações. Diz que a professora Clara Voltolini, ensinava em italiano e os alunos *"em geral nem compreendem a língua vernácula"*. Ordena, então, a professora *"falar com os alunos constantemente na língua vernácula"*. Ainda, como liberal preocupado com os símbolos de identificação nacional, alerta: *"de cantos conheciam muito mal o Hino da Bandeira"*²⁵.

A questão da língua, embora tenha servido de enfrentamento entre liberais e Igreja, esta última tinha outra preocupação que consistia em garantir a *"instrução religiosa na escola"*. A Igreja estava perdendo seu campo de atuação, através do ensino religioso, nas escolas do governo.

*"(...)as escolas, excetuadas duas, foram fundadas pela federação ou pelo Estado, portanto sem religião - contra Cristo, porque não por Ele"*²⁶.

O crescimento do número de escolas públicas estava acontecendo em toda Santa Catarina, na década de 1920. Em Nova Trento, as

25 Apud CADORIN, Jonas. Op. cit. p. 128-129.

26 Arquivo da Paróquia Jesuíta do Brasil Meridional. *Cartas anuais*. 1929.

escolas públicas eram em número de doze, entre urbanas e rurais²⁷, enquanto as paroquiais eram duas²⁸.

Moacir Heerdt coloca os fatores determinantes do quadro de declínio quantitativo de Escolas Paroquiais em Santa Catarina: a ação do governo estadual em desenvolver uma política de nacionalização através do ensino; a gratuidade do ensino; e o consentimento do ensino religioso nas escolas públicas²⁹.

Todavia, o ensino religioso não era tão consensual assim. Ainda na década de trinta, os jesuítas, em Nova Trento, tentavam manter as escolas católicas a custo do empenho comunitário em prestigiar os festivais³⁰ e teatros³¹ promovidos por estas escolas. Seria uma forma de arrecadar donativos para tais estabelecimentos.

No espaço desta dissertação não atentei para análise dos conteúdos do ensino religioso ministrado, ou, ainda, sobre currículos, rendimento, frequência e faixa etária dos alunos. Todavia, pode-se afirmar que a escola era um espaço onde a religião católica era ensinada e valorizada nas aulas e nas atividades extra-

27 Relatório das Escolas Públicas - 1926. Apud HEERDT, M. op. cit. p. 146.

28 Idem. Ano 1927. Apud HEERDT, M. Op. cit. p. 149.

29 HEERDT, M. Op. cit. p. 148.

30 Os festivais eram anunciados nas missas, como este: "(...) na sala do teatro do Colégio Paroquial São Virgílio terá lugar um festival; a entrada é gratuita, a quem porém der alguma gorjeta em reconhecimento do quanto gratuitamente as Irmãs durante este ano fizeram na escola e doutrina em benefício das crianças do lugar, desde já meus agradecimentos e o das Irmãs" (Arquivo da Paróquia de Nova Trento. Livro de Avisos, dez/1938).

31 "Hoje de tarde depois das funções na escola paroquial, teatro infantil por meninos e meninas da escola paroquial. Os amigos de crianças venham apreciar. O que render será empregado em favor da escola paroquial" (Arquivo da Paróquia de Nova Trento. Livro de Avisos. 11/11/1928).

classe, como teatros e missas. Participar das missas escolares era dever, especialmente nas escolas paroquiais.

*"As 8, missa escolar(em honra do Espírito Santo) a qual devem comparecer todos os que pretendem entrar na escola paroquial, a qual se abrirá logo depois da missa"*³².

Mandar os filhos à escola era um "dever sacrossanto". Mesmo na proposta conciliadora entre Igreja e liberais, tornava-se dever daqueles que se diziam católicos, "em favor da Igreja e da Pátria", avisava o padre³³.

A escola pública, laica e identificada com uma idéia homogênea de nação, diferenciava-se da escola confessional. A pública tinha um projeto político pedagógico voltado à formação de uma consciência nacional, desmerecendo a heterogeneidade cultural. Boa parte dos habitantes de Nova Trento, por sua vez, não se identificava com aquela idéia de nação, embora houvesse grupos ligados a este ideal, como era o caso dos liberais.

A escola confessional preservava uma ligação direta com a cultura religiosa vivida no cotidiano. A tentativa de separar público e privado, criando um tipo de escola que não viesse ao encontro daquela cultura que não separava vida pública da vida privada, era um tanto complicada e conflituosa. A religiosidade não se deixava em casa quando se ia para a escola, tão pouco a linguagem se transformava facilmente.

32 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. Livro de avisos. 15/02/1938.

33 Arquivo da Paróquia de Nova Trento. Livro de avisos. 13/01/1924.

Quando o governo estadual substituiu professoras Irmãs por professores ou professoras leigas, baseado na legislação que previa a contratação de normalista, não era a legislação que interessava à comunidade. Para esta era importante manter as Irmãs. Embora não houvesse meios materiais para sustentá-las se não fosse com recursos do Estado, a reação popular era uma demonstração da importância que as Irmãs assumiram para a comunidade local. É o caso da escola paroquial do Salto, atendida pelas Irmãs Catequistas até 1941:

"A comunidade dos fiéis a passou ao Estado por faltarem dia-a-dia mais meios pecuniários, com a condição que as Catequistas continuassem a atendê-la. Mas o Estado nomeou uma professora leiga. Por isso houve grande consternação entre os fiéis, surgindo daí uma resistência passiva. No tempo das Irmãs havia 70 alunos, desde há três anos nunca mais de 25"³⁴.

A criação de uma cultura religiosa passava também pelos bancos escolares. Para fazer a Primeira Comunhão ou participar de alguma associação religiosa precisava-se saber ler. A doutrina, todo o preparo para a Primeira Comunhão, só era possível àqueles que fossem alfabetizados. O sacramento da Comunhão funcionava como a iniciação do jovem na vida católica. Era um estágio obrigatório da vida. A partir daí o jovem seguia para a vida participativa da Igreja e aprimorando o perfil de bom cristão, temente a Deus e à Igreja.

Desta forma, a escola, através da sua dinâmica e disciplina própria, congregou interesses da família no processo da educação e

34 Arquivo da Província Jesuíta do Brasil Meridional. *História da casa*. 1944. p. 3.

inserção dos filhos na sociedade e ao mesmo tempo ajudou a formar pessoas numa cultura baseada na moral católica.

O projeto político-pedagógico confundia-se em interesse de governos, de organização eclesiástica e de necessidades sociais.

No cotidiano a vivência católica e o imaginário religioso também estava inserido num mundo letrado e intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação tentei colocar como se construiu uma cultura religiosa em Nova Trento, no processo de Romani-zação. Embora tenha estabelecido uma balisa temporal entre 1876 e a década de 1930, não fiquei presa a um desencadear de fatos cronologicamente estabelecidos neste período. Procurei fazer uma narrativa explicativa desta história. Descrevi o cotidiano com suas implicações religiosas. O espaço da casa, da igreja, da rua, da escola foram analisados enquanto espaços de relações sociais, de poderes e conflitos. Nestes espaços o italo-brasileiro ganha destaque, embora entre eles existam luso-brasileiros e outros.

A idéia de tempo no cotidiano não obedece a um avanço puramente linear. Há sim um tempo de nascer, crescer, ter filhos ou não, de envelhecer e morrer. Em cada fase da vida, o sagrado marca essas relações com o tempo, determinando batismo, comunhão eucarística, casamento... Mas o tempo também se renova, é cíclico. O calendário litúrgico das festas mostra que o tempo se recria periodicamente. A relação com a natureza também determina o tempo de plantar, colher, descansar. O tempo se constitui nesta rede confusa de relações de produção da existência, sazonalidade e sacralidade.

No universo cultural narrado, a religiosidade aparece como elemento fundamental. Todos são católicos. A vida é marcada por práticas religiosas: batismo, comunhão, casamento ou ordenação, missa, festa do padroeiro ou do santo devoto, orações... A vida depois da morte é conseqüência de como esta religiosidade foi vivida na terra. O imaginário é povoado por imagens de bem e mal,

céu e inferno, Deus e diabo... Imagens justificam comportamentos e os transformam.

A representação de Nova Trento enquanto "celeiro de vocações" e, atualmente, "terra de Madre Paulina" tem historicidade. Esta história adquire concretude no cotidiano.

No cotidiano as pessoas se identificam etnicamente com a forma de ser e viver a religião. O imaginário italo-brasileiro foi se constituindo a partir de relações cotidianas com o sagrado. A edificação de capitéis ao santo devoto, as procissões pedindo chuva para a lavoura, as festas religiosas, as orações em família, são exemplos que se inscrevem no imaginário italo-brasileiro de Nova Trento. São práticas resultantes das necessidades concretas das pessoas e ao mesmo tempo fazem parte da relação com outras pessoas e instituições(Igreja e governo, por exemplo).

O cotidiano, embora não perca a dimensão do lugar de repetição e reprodução, é, também, espaço de formação, criação e mudança. Como na metáfora do mito de Sísifo. Sísifo foi condenado pelos deuses gregos a arrastar uma pedra enorme até o cume de uma montanha. O exercício diário de carregar a pedra pode parecer repetitivo, mas Sísifo e a pedra vão adquirindo novas relações com o tempo, com o peso, com a forma. A pedra vai ficando impregnada de chão, chuva, suor. Sísifo alimenta seus sonhos, esperanças, energias. Tudo isso dá sentido às tarefas cotidianas.

Procurei na análise do cotidiano dar visibilidade a alguns aspectos para o entendimento da construção da cultura religiosa. Desta forma tentei perceber o trabalho apostólico da Igreja Católica no sentido da romanização, ao mesmo tempo em que havia uma

tradição religiosa voltada para práticas em família (devições, orações), mas que conservava uma forte ligação com a Igreja, representada na figura do padre. O discurso romanizador dava ênfase ao sacramentalismo, à hierarquia do clero valorizando a autoridade do papa e propagava devições específicas, como à Nossa Senhora e ao Sagrado Coração de Jesus. Esta Igreja romanizada, representada em Nova Trento pelos jesuítas, promoveu a criação de associações dirigidas pelos padres, como o Apostolado da Oração, a Ordem Terceira e as Filhas de Maria (da qual algumas integrantes passaram para a Congregação das Irmãszinhas da Imaculada Conceição). As práticas romanizadoras valorizavam, também, a catequese e, neste sentido, as congregações religiosas ali criadas, das Irmãszinhas e dos Robertinos, assumiram papel fundamental.

Os jesuítas foram pessoas sempre presentes nesta história. O fato das práticas religiosas estarem sempre sobre o controle da Igreja, tornava-os elementos atuantes e significantes enquanto lideranças. Todavia as pessoas "comuns", homens e mulheres, foram agentes transformadores ou reprodutores deste discurso romanizador. As capelinhas e o trabalho do sacristão nas comunidades, tanto quanto as associações, congregações e escolas mostraram que nem sempre o discurso romanizador prevaleceu. Muitas vezes, teve-se que fazer acordos, pesar interesses de outros grupos ou pessoas. Mesmo os padres tendo assumido papel "dominador", as práticas religiosas se revelaram enquanto uma construção de interesses diversos.

Procurei abordar o discurso da Igreja enquanto prática e representação. Analisei como as práticas foram construídas utilizando-

do ou reaproveitando em parte ou em todo o supostamente imposto para a criação de uma cultura própria. Nesta havia interesses de instituições e de pessoas inseridas na sua coletividade (família ou comunidade).

Para abordar esta construção cultural foi de fundamental importância a empiria. Conhecer Nova Trento e pessoas de lá foi o primeiro passo para perceber as configurações de espaço e a linguagem que mantinham um elo com o passado. Sei que muitas outras coisas poderiam tecer esta história de Nova Trento, mesmo no que diz respeito ao itinerário religioso escolhido por mim. A utilização das fontes poderia ter seguido uma outra abordagem, por exemplo, a que privilegiasse a história oral. A busca por documentos foi uma tarefa árdua: conversar com um, com outro para chegar até as fontes, quando as próprias pessoas não eram as fontes. Uns mais perto(em Nova Trento ou Florianópolis) outros mais longe(no Arquivo de Porto Alegre e de São Paulo, por exemplo).

Bom seria que toda esta documentação estivesse resguardada num arquivo próprio da cidade com o seu devido cuidado. Bom para os pesquisadores e para a cidade. Muitos documentos precisam de tradução e mesmo de recuperação para não caírem no ostracismo e esquecimento.

Outros trabalhos, na linha de perceber esta cultura religiosa, poderiam ser escritos. Uma pesquisa sobre a banda musical, iniciada por Irene Coutinho¹, poderia ter continuidade ou seguir outros caminhos no sentido da história da música, estudando como as composições musicais e as apresentações da banda se inseriam no contexto religioso da cidade.

Uma pesquisa interessante também seria pela via da história das mulheres, das relações de gênero, pois as mulheres assumiram papel fundamental e decisivo na criação desta cultura. Seria uma oportunidade de dar a elas vozes e visibilidade. Tentei fazê-lo, mas esta não era a metodologia que conduziu meu trabalho, de forma que foi uma iniciativa tímida, diria. Trazer as mulheres efetivamente para os cenários na história seria contrapor a uma historiografia de homens que as escondem nas "levas" de imigrantes, nas famílias (com sobrenome do marido), na imagem de recato e abnegação.

Outro trabalho possível seria a recuperação do acervo iconográfico. Através de estudo cuidadoso de fotografias, poder-se-ia analisar a cultura, costumes e aspectos do cotidiano. Antes precisaria de um tipo de campanha para campor este acervo. Muitas fotografias estão sob posse de baús, plásticos e álbuns de particulares. É preciso recuperá-las da ação do tempo, reproduzi-las e conservá-las de forma adequada. No meu projeto coloquei a intenção de trabalhar com a iconografia, mas os custos, o tempo e a necessidade de acompanhamento técnico inviabilizaram tal intenção.

Por tudo isto, o trabalho está aberto. Esta dissertação é, antes de tudo, uma leitura possível da cultura religiosa em Nova Trento. É o meu olhar, com as minhas limitações e das fontes que encontrei. Este texto é a minha contribuição no sentido de trazer novos elementos para a história. Outras pesquisas poderão oferecer novos caminhos de reflexão sobre o tema abordado ou outros temas.

1 Irene Moutinho tinha um projeto ligado à FUNARTE-RJ do qual resultou, em 1989, na publicação do *Centenário* (jornal comemorativo dos cem anos da Banda Musical Padre Sabbatini).

O trabalho do historiador é mesmo esta busca interminável de perguntas e respostas, este trabalho de Penélope, de tecer e voltar a tecer, sem jamais ter a malha completa.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

I - FONTES:

1. Acervos:

1.1 Arquivo da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição (São Paulo)

- Histórico da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição - 1875-1894.
- Histórico da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição - 1895-1903.
- Histórico da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição - 1904-1909.

1.2 Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis

- Livro Tombo - Nova Trento. 1908-1967

1.3 Arquivo da Paróquia de Nova Trento

- Atas das Reuniões do Conselho da Pia União das Filhas de Maria. 1921, 1922, 1923, 1926, 1927, 1928.
- Crônicas da Capela de Indayá. 1932.
- Diário da Pia Associação das Filhas de Maria. 1921.
- Memoriali e Ordenazioni dei Superiori. 1886-1914.
- Livro de Avisos. 1935, 1938.
- Ordem Terceira Secular de São Francisco de Assis - deliberações e diário. 4 de outubro de 1886 a 4 de janeiro de 1920.

1.4 Arquivo da Província Jesuita do Brasil Meridional

(Porto Alegre)

- Cartas Anuais. 1918, 1929 e 1932.
- História da Casa. 1944.

1.5 Arquivo Público do Estado de Santa Catarina

- Coleção de Leis Imperiais. 30/06/1874.
- Correspondência dos Arciprestes e Vigários ao Presidente da Província. Abril/1883.
- Correspondência do Ministério da Agricultura ao Presidente da Província. 1878.
- Ofícios Diversos ao Presidente da Província. 1878 e 1890.
- Ofícios Subdelegados para o Palácio do Governo. 1891.

2. Jornais e Periódicos

2.1 Jornais

- Centenário. Nova Trento, out/1989.
- Diário Catarinense. 21/08/1988.
- Nicolau. Curitiba, mai-jun/1994.

2.2 Periódicos

- ANUARIO CATARINENSE. "Os Robertinos". Florianópolis, 1955.
p.162-165.
- BECKER, João. Bispo. Synodo Diocesano. 1910.
- Centenário do Apostolado da Oração de Nova Trento.
1887-1987.

- Resenha Eclesiástica. Órgão Oficial da Diocese de Florianópolis. n. 9 e 11. 1913.

3. Biografia

- 3.1 MADRE PAULINA. Biografia Comentada. Vol. 1. Positio sobre a vida e as virtudes. Roma. 1986.

4. Entrevistas

- Adélia Feixe. 22/03/1994.
- Gaudência Motter(irma religiosa). 22/08/1993.
- Henriqueta e Josefina Sartori. 02/09/1993.
- Ivo Vicente Dalsenter(padre). 09/06/1992.
- Maria Luiza Valle de Oliveira(Dona Maricota). 13/05/1994.

I - BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Lourenço da Costa. *Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus*. São Paulo: Casa Generalícia/Escolas Profissionais, 1962.
- ALGRANTI, Leila Maria. *Honradas e devotas: mulheres da colônia - condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Ed. da Unb, 1993.
- ARIES, Philippe. *O homem diante da morte*. Vol. I. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- _____. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

- AZZI, Rioldando. *A Igreja e os migrantes*. Vol. I. São Paulo: Paulinas, 1987.
- BACZKO, Bronislawo. *Imaginação social*. Enciclopédia Einaudi. Imprensa Oficial. Casa da Moeda. Lisboa, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HICITEC; Brasília: Ed. da UnB, 1987.
- BATTISTEL, Arlindo Itacir. *Colônia italiana: religião e costumes*. Porto Alegre: EST, 1981.
- BERRI, Alésio. *A Igreja na colonização italiana no Médio Vale do Itajaí*. Blumenau: Fund. Casa Dr. Blumenau, 1985.
- BESEN, José Artulino. *Dom Joaquim Domingues de Oliveira*. Florianópolis: IOESC, 1979.
- BOITEUX, Henrique Carlos. *Nova Trento*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graffica, 1929.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BOSO, Ivete Marli. *Entre passado e futuro: bilinguismo em uma comunidade trentino-brasileira*. Florianópolis: UFSC, 1991. Dissertação de Mestrado em Linguística.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- CADORIN, Jonas. *Nova Trento, outra vez...* Nova Trento: Prefeitura Municipal, 1992.

- CAMPOS, Cynthia Machado. *Controle e normatização de condutas em Santa Catarina(1920-1945)*. São Paulo: PUC, 1992. Dissertação de Mestrado em História.
- CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre prática e representação*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CONTI, Servílio. *O Santo do Dia*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- CORREIA, Ana Maria Martins Coelho. *A expansão da Igreja em Santa Catarina, a reação anti-clerical e a questão do clero nacional(1892-1920)*. Florianópolis: UFSC, 1988. Dissertação de Mestrado em História.
- COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, Cristina(org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- COSTA, Rovílio. *Imigração italiana: vida, costumes e tradições*. Porto Alegre: EST, 1986.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e educação brasileira - católicos e liberais*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.
- DALLABRIDA, Norberto. *A sombra do campanário: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana no Médio Vale do Itajaí Açu (1892-1918)*. Florianópolis: UFSC, 1993.
- DALL'ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS; Florianópolis: Lunardelli, 1983.

- DELUMEAU, Jean. *A confissão e o perdão*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- DAVIS, Natalie Zenon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva S/A., 1989.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do discurso*. São Paulo: EDUSP, 1989.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Entre a casa e a rua...Memória das festas açorianas*. Inédito.
- _____. *Teatros da vida, cenários da história: a farra do boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina - leitura e interpretação*. São Paulo: PUC, 1991. Tese de Doutorado em História.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou Morrer: camponeses trentinos(vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Tradutores: Ciro Mioranza e Solange Zuques. Florianópolis: UFSC, 1987.

- _____. *Vincere o Morire: contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane*. Trento: Effe e Erre, 1986.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. (1ª-edição em 1950). São Paulo: Vértice, 1990.
- HEERDT, Moacir. *As escolas paroquiais em Santa Catarina - 1889-1930*. Florianópolis: UFSC, 1992. Dissertação de Mestrado em História.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- HOORNAERT, Eduardo(org.). *História da Igreja no Brasil*. Tomo II. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1992.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KREUTZ, Lucio. *O professor paroquial*. Florianópolis: UFSC; Porto Alegre: UFRGS; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.
- MARTIN, Malachi. *Os jesuitas: a Companhia de Jesus e a traição à Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S/A, 1988.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

- ORLANDI, Eni Pucinelli. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas. Uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994.
- PERROT, Michelle(org.). *História da vida privada*. Vol. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- PIAZZA, Walter Fernando. *A colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis. IOESC, 1976.
- _____. *Nova Trento*. Florianópolis, 1950.
- _____; HUBENER, Laura. *Santa Catarina: história da gente*. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- SAMUEL, Raphael. "História local e história oral". *Revista Brasileira de História*. 19. São Paulo: Marco Zero/ ANPUH, set/89 - fev/90.
- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Ed. da UnB, 1990.
- SERPA, Élio Cantalício. *Igreja, elites dirigentes e catolicismo popular em Desterro/Florianópolis, Laguna e Lages (1889-1920)*. São Paulo: USP, 1993. Tese de Doutorado em História.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.
- SÜSS, Gunter Paulo. *Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1979.

WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no século XIX*. São Paulo: Atica, 1987.

WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da Colônia Blumenau: cotidiano e trabalho (1850-1900)*. São Paulo: PUC, 1991. Dissertação de Mestrado em História.